

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS – FADIR
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Ellen Yumi Kinfuku

Pandemia da Covid-19 e preconceito amarelo: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos (2019 – 2021)

Dourados - MS
Novembro de 2022

Ellen Yumi Kinfuku

Pandemia da Covid-19 e preconceito amarelo: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos (2019 – 2021)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação da Profa. Dra. Deborah Silva do Monte.

Dourados - MS
Novembro de 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

K51p Kinfuku, Ellen Yumi

Pandemia da Covid-19 e preconceito amarelo: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos (2019 - 2021) [recurso eletrônico] / Ellen Yumi Kinfuku. -- 2022.

Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Deborah Silva do Monte.

TCC (Graduação em Relações Internacionais)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2022.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Preconceito amarelo. 2. Pandemia da Covid-19. 3. Twitter. 4. Stop Asian Hate. I. Monte, Deborah Silva Do. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 11 de novembro de 2022, compareceu para defesa pública on-line do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, a aluna Ellen Yumi Kinfuku tendo como título “**Pandemia da Covid-19 e preconceito amarelo: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos**”.

Constituíram a Banca Examinadora os professores **Dra. Déborah Silva do Monte** (orientadora), **Dr. Rafael Bittencourt Rodrigues Lopes** (examinador) e **Dr. Mario Teixeira de Sá Junior** (examinador).

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado APROVADO.

Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

Observações: _____

Assinaturas:

Dra. Déborah Silva do Monte

Orientadora

Dr. Rafael Bittencourt Rodrigues Lopes

Examinador

Dr. Mario Teixeira de Sá Junior

Examinador

“Porque eu, uma *mestiza*, continuamente saio de uma cultura para outra, porque eu estou em todas as culturas ao mesmo tempo, alma entre dos mundos, tres, cuatro, me zumba la cabeza con lo contradictorio. Estoy norteada por todas las voces que me hablan *simultáneamente*.”

Gloria Evangelina Anzaldúa, 2005

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado não de apenas de 4 anos de graduação, mas de meus 23 anos de vida, por isso tenho muito a quem agradecer. Primeiramente, agradeço à minha família que durante todos esses anos não mediram esforços para gerar infinitas oportunidades para mim, diferentes das que tiveram e sempre me apoiaram. Agradeço a todos os meus amigos, mas principalmente a Yasmin, Mônica, Milena, Bruno e Ademar que se fizeram essenciais durante todo esse período, mesmo as vezes distantes devido à mudança de cidade ou pelo próprio isolamento social enfrentado na pandemia. Agradeço também a minha psicóloga Júlia, que, sem dúvidas, teve grande participação na minha vida e contribuiu positivamente para minha saúde mental. Também agradeço minhas inseparáveis companheiras felinas, Maya, que está ao meu lado desde fevereiro de 2021 acompanhando minha escrita, e Kali que chegou mais recentemente, em junho de 2022, mas que também acompanhou bem de perto a reta final.

Agradeço ao Governo Lula pela assinatura da Lei nº 11.153 de 29 de julho de 2005 que permitiu a criação da Universidade Federal da Grande Dourados por desmembramento. Aos professores de toda minha graduação que puderam contribuir para minha formação e se dedicaram e se desdobraram para garantir sempre um ensino de qualidade, mas principalmente à minha orientadora Deborah Monte, mulher incrível que não desistiu de mim em momento algum durante esses anos. A todos os funcionários e servidores da Faculdade de Direito e Relações Internacionais da UFGD, que carinhosamente chamo de FADIRI, e que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação e participaram das minhas noites na faculdade. Agradeço também a experiência que tive dentro da Empresa Júnior do curso, Íteri Jr., dentro da Associação Atlética Acadêmica de Relações Internacionais, dentro da Liga das Atléticas de Dourados e dentro do Projeto de Extensão Nós Por Todas.

RESUMO

Este trabalho analisa as atitudes de Donald Trump e Jair Bolsonaro no contexto da Pandemia da Covid-19 e de que maneiras tiveram impacto no preconceito contra pessoas amarelas, comparando sempre as ações de ambos por semelhança (LIJPHART, 1975). Também busca entender como tais atitudes levaram ao desencadeamento de movimentos como o *Stop Asian Hate*. Essa análise ocorre a partir de discursos veiculados pela imprensa e de dados das redes sociais de Trump e Bolsonaro, principalmente do Twitter. Para isso, é apresentada especificamente a história da imigração japonesa para o Brasil e para os Estados Unidos a fim de compreender as raízes do preconceito amarelo. Para a análise é utilizada a data de início da pandemia, que foi 2019, no entanto, para melhor compreensão do contexto, são apresentados dados fora da data proposta, até o ano de 2021 em que a conta do Twitter de Trump é suspensa e a situação mundial em relação à pandemia apresenta melhoras. Esses dados anteriores à pandemia são também de contextualização para compreensão de como Trump e Bolsonaro chegaram à presidência utilizando estratégias de um populismo 2.0 (ALMEIDA *et al.*, 2020 *apud* GERBAUDO, 2014), através das redes sociais e qual influência tiveram em outros momentos e na pandemia.

Palavras-chave: Preconceito amarelo; Pandemia da Covid-19; Twitter; *Stop Asian Hate*.

ABSTRACT

This paper focuses on the analysis of how the actions by Donald Trump and Jair Bolsonaro within the context of the COVID-19 Pandemic impacted the prejudice against Asian people, always by comparing the actions of both figures by similarity (LIJPHART, 1975). It also aims to understand how these attitudes took to the rise of movements such as Stop Asian Hate. This analysis starts from the viewpoint of the discourse presented to the press and from data gathered from Trump's and Bolsonaro's social medias, mainly Twitter. To achieve such results, the history of Japanese immigration in both countries is presented with the goal to comprehend the roots of prejudice against Asian people. For the sake of the analysis herein presented, the starting point is set to be the beginning of the pandemic, which was the year of 2019, however, for better understanding of the context, there's further data from before the aforementioned starting point up until the year of 2021, whereas Trump's twitter account is suspended, and the worldwide prospect in relation to the pandemic shows improvement. This earlier data is also important to further enrich the context of how Trump and Bolsonaro got to presidency with strategies of a populism 2.0 (ALMEIDA *et al.*, 2020 *apud* GERBAUDO, 2014) with the aid of social medias and which influence they had in other moments and within the pandemic.

Keywords: Yellow prejudice; Covid-19 Pandemic; Twitter; Stop Asian Hate.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mulher branca em frente a uma casa com placas com frases expulsando imigrantes japoneses.....	18
Figura 2 - O campo de internação Manzanar.....	19
Figura 3 - Japoneses no refeitório do campo de internação Manzanar.....	20
Figura 4 - <i>Print</i> do <i>tweet</i> de Ana Hikari.....	32
Figura 5 - <i>Print</i> do <i>tweet</i> de Leo Hwan.....	32
Figura 6 - <i>Print</i> do <i>tweet</i> de Trump utilizando o termo “ <i>chinese virus</i> ”.....	35
Figura 7 - <i>Print</i> do <i>tweet</i> de Trump sobre suas promessas eleitorais.....	38
Figura 8 - <i>Print</i> do <i>tweet</i> de Trump elogiando os esforços da China.....	40
Figura 9 - <i>Print</i> da <i>thread</i> de Bolsonaro sobre a pandemia, suas ações governamentais e recomendações para a população.....	42
Figura 10 - <i>Print</i> do <i>tweet</i> de Trump sobre a Covid-19 e a gripe.....	44
Figura 11 - <i>Print</i> do <i>tweet</i> de Trump após receber alta da Covid-19.....	44
Figura 12 - <i>Print</i> do <i>tweet</i> do PSOL com vídeo do discurso de Bolsonaro.....	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Temática do <i>tweet</i> , @jairbolsonaro (2019) e @realDonaldTrump (2017), 100 primeiros dias de governo.....	37
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resumo das características da imigração japonesa para o Brasil e para os Estados Unidos.....	24
Quadro 2 - Falas de Bolsonaro ao longo da pandemia.....	45
Quadro 3 - Quadro sobre descumprimento de regras de isolamento.....	46

SUMÁRIO

Introdução	13
1. História da imigração japonesa nos Estados Unidos e no Brasil.....	17
2. O Populismo 2.0 no Brasil e nos Estados Unidos.....	27
3. Análise de conteúdo e comparação de mídias sociais de Donald Trump e Jair Bolsonaro durante a pandemia da Covid-19.....	37
Considerações finais	52
Referências bibliográficas	54

INTRODUÇÃO

Durante o ano de 2020 e juntamente à pandemia da COVID-19, o epicentro do aparecimento do vírus fez com que pessoas amarelas¹ virassem alvo de xenofobia e racismo, visto que os primeiros casos foram confirmados na China. Esse ocorrido, além das poucas informações que se tinham, deu abertura à imaginação das pessoas fazendo com que estabelecessem uma identidade ao vírus ou uma aparência: o corpo amarelo – especificamente, com traços fenotípicos de pessoas originárias do Leste Asiático. Dessa maneira, pessoas asiáticas começaram a sofrer ataques em todo o mundo, vindo de líderes, artistas e sendo reproduzido na sociedade por meio de violência verbal, física, discursos ou redes sociais.

Além disso, é indubitável que o passado ajuda a construir o que somos hoje e o que nos tornaremos. Nesse sentido e não diferente, os países possuem um passado e uma história que somam para o resultado hoje e para o futuro. Sendo assim, olhando para o Brasil colonizado, para o século XX e suas consequências no século XXI, tem-se a colonização, a imigração e várias políticas para embranquecer o Brasil. Para a academia e para a formação do pensamento social e político latinoamericano, a principal consequência é a colonialidade. Nesse sentido, Quijano (2009) difere os termos Colonialidade e Colonialismo, ainda que o primeiro esteja vinculado ao segundo, o colonialismo se mostra mais “profundo e duradouro” além de estar imposto na “intersubjectividade do mundo tão enraizado e prolongado”. Segundo Assis (2014, p. 64) a colonialidade também não desaparece com a independência ou descolonização de um país e explica que “a modernidade é um processo intrinsecamente vinculado à experiência colonial”.

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjectivos, da existência social quotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir da América (QUIJANO, 2009, p. 73).

Por outro lado, o conceito de colonialidade não se aplica à situação internacional atual aos Estados Unidos, visto que o termo tem raízes na América Latina². Além disso, os EUA é

¹ Este trabalho leva em consideração a definição de raça ou cor amarela do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo o instituto, é amarela a pessoa “de origem oriental: japonesa, chinesa, coreana etc” e “foi incorporada a categoria “amarela” na classificação para dar conta da imigração japonesa acontecida, basicamente, de 1908 a 1929 (IBGE, 2013, p. 24)”.

² Quijano explica que originalmente a palavra “América” era somente utilizada para terras de domínio ibérico no continente “que iam desde a Terra de Fogo até mais ou menos ao meio do sudeste do actual território dos Estados Unidos (QUIJANO, 2009, p. 73)” e foi apropriada pelos norte americanos, causando confusão. Tal acontecimento

um país do norte global e já foi uma grande hegemonia³ – hoje em decadência – e, por grande contribuição no sistema capitalista pode ser interpretado como um Estado imperialista⁴. Seguindo o pensamento de Quijano (2009), juntamente à constituição da América (Latina), consolida-se um padrão de dominação com a emergência do capitalismo, e os centros hegemônicos ficam localizados na Europa. Segundo Robert Cox e Tatiana Berringer, a hegemonia teve quatro períodos: “hegemonia britânica (1845-1875); período não-hegemônico (1875-1945); hegemonia dos Estados Unidos (1945-1965); queda da hegemonia estadunidense (1965-até hoje) (BERRINGER, 2012, p. 25)”. Já em relação ao imperialismo, Berringer traz a divisão do imperialismo segundo Poulantzas, sendo

três fases determinadas historicamente pela luta de classes: 1) transição do capitalismo competitivo para o estágio capitalista, que vai do fim do século XIX ao período entre guerras; 2) fase de consolidação do estágio imperialista, com domínio do capitalismo monopolista e um domínio político do Estado no seio das formações sociais, período pós-depressão de 1930 e que corresponde ao New Deal rooseveltiano e aos regimes nazi-facistas; 3) fase atual do imperialismo, iniciada após a Segunda Guerra Mundial, a qual corresponde às transformações nas relações dos países dominantes com as formações sociais dominadas, em que o modo de produção dos países dominantes se reproduz no interior dos países dependentes (BERRINGER, 2012, p. 26-27).

Levando em consideração essas fases, o Brasil se encontra em posição de país dominado, enquanto os Estados Unidos é dominante. Ou seja, nesse caso, seguindo a definição de Quijano (2009) de colonialidade, os EUA é o país com o poder capitalista que impõe um padrão aos Estados dependentes dele. Ademais, faço uma comparação com o “*American Way of Life*” que se popularizou justamente após a Segunda Guerra Mundial, pregando um padrão de vida no país e exportando esse pensamento.

Para tanto, tais pensamentos são eurocêntricos⁵ e preconceituosos, podendo trazer diversas consequências para algumas comunidades. Logo, o que busco problematizar são algumas ações específicas de líderes políticos durante a pandemia da COVID-19 e a consequência dessas ações para pessoas amarelas nos Estados Unidos e no Brasil, no espaço virtual e presencial. Sendo assim, minha principal pergunta é: como a xenofobia, no contexto

se dá pelo fato de que América poderia ser utilizada sozinha para identificar o que hoje chamamos de América Latina, mas a apropriação fez com que até hoje nos EUA se utilize “America” para nomear o país.

³ “A hegemonia corresponde a uma ordem interior da economia mundial sob a qual um modo de produção dominante penetra todos os países e se vincula a outros modos de produção subordinados a ele (BERRINGER, 2012, p. 25 apud COX, 1999)”.

⁴ “O imperialismo é a reprodução ampliada do modo de produção capitalista, fenômeno ligado ao desenvolvimento desigual das nações e à exportação de capitais que predominam sobre a exportação de mercadorias (BERRINGER, 2012, p. 26 apud POULANTZAS, 1978)”.

⁵ “O eurocentrismo não é exclusivamente, portanto, a perspectiva cognitiva dos europeus, ou apenas dos dominantes do capitalismo mundial, mas também do conjunto dos educados sob sua hegemonia (QUIJANO, 2009, p. 74-75)”.

da COVID-19, mobilizou o movimento *Stop Asian Hate* nos Estados Unidos e no Brasil no período de 2019 a 2021? Além disso, buscarei comparar estatísticas sobre preconceito amarelo durante o período de 2019 a 2021, no qual Jair Bolsonaro e Donald Trump cumpriram seus mandatos, e no qual temos o princípio da COVID-19, levando em consideração a conduta desses líderes e qual influência teve na sociedade ou consequência a comunidade amarela enfrentou de comportamentos advindos deles.

Meu objetivo é levar o leitor a compreender como diferentes cenários e atitudes políticas podem mudar a visão sobre o outro, oscilando entre um ser indesejado à um ser extremamente exemplar, sendo prejudicial até mesmo para a construção identitária individual de pessoas amarelas. O meu pressuposto é que ações de líderes políticos, como presidentes, ministros ou ainda ações⁶ de artistas, incitam a violência, que estão repetindo padrões enraizados em sociedades ocidentais em relação ao oriente, e são prejudiciais para comunidades inteiras, além de atrapalhar o processo de luta contra o racismo e preconceito, não apenas para pessoas amarelas, mas também pessoas negras e minorias étnicas. Essas atitudes podem fazer com que lutas já conquistadas e padrões anteriormente repensados voltem à tona e aconteçam anos de retrocesso, talvez décadas.

Sendo assim, o trabalho se inicia com breve resumo e segue uma linha do tempo. Logo, o primeiro capítulo será de contextualização histórica, com a finalidade de levar o leitor a compreender a imigração japonesa e a xenofobia tanto no Brasil, quanto nos Estados Unidos. A imigração para ambos os países possuem semelhanças e buscarei relatar isso no capítulo e ao longo do trabalho utilizando as contribuições de Lijphart (1975) sobre o método comparativo. A justificativa da escolha da imigração japonesa, especificamente, se dá por motivação pessoal, uma vez que o tema atravessa a vida da autora deste trabalho. No segundo capítulo, será apresentado ao leitor novamente uma contextualização, porém agora, política. Após entender as raízes da xenofobia contra pessoas amarelas, trago o leitor para o século atual e realizo essa contextualização política, em que mais uma vez, por semelhança, Brasil e Estados Unidos saíram de governos de esquerda e presenciaram a ascensão da direita no poder – especificamente falando, nos EUA, da saída de Barack Obama e entrada de Donald Trump, e no Brasil, o impeachment de Dilma Rousseff, a ocupação do cargo por Michel Temer e, assim, a entrada de Jair Bolsonaro. Além disso, ainda no segundo capítulo, mostrarei a importância das mídias sociais nessa troca de poder. De acordo com Ferreira e Almeida (2021, p. 159),

⁶ Essas ações seriam discursos ou quaisquer exposições em mídias sociais que tenham alguma opinião, como tweets e retweets, comentários, stories, compartilhamento de fotos.

“atualmente, discussões políticas, bem como a convocação e organização para ações de protestos, têm passado, muitas vezes, pela internet e, principalmente, pelas mídias sociais, tais como *Facebook, Twitter, WhatsApp* entre outras”.

No terceiro capítulo, após toda a contextualização, farei uma análise de conteúdo e comparação de tais mídias sociais (FERREIRA; ALMEIDA, 2021), mais especificamente do Twitter. Para chegarmos no desencadeamento do *Stop Asian Hate* serão utilizadas como categorias maiores os governos Trump e Bolsonaro em um período de tempo específico, sendo de 2019 a 2021, durante o surgimento, pico e apaziguamento da pandemia da COVID-19. Para categorias específicas de análise de conteúdo vou expor *tweets* e discursos de Trump e Bolsonaro e de pessoas ligadas ao seus governos, compará-los e logo em seguida apresentarei as consequências, tanto dentro das mídias sociais, quanto fora.

1. HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NOS ESTADOS UNIDOS E NO BRASIL

Historicamente, a emigração japonesa está ligada ao crescimento da população rural do país, sendo assim, foi fortemente apoiada pelo governo japonês e se tornou uma política de Estado. No século XIX, iniciava-se a emigração dos japoneses e entre os anos 1884 e 1924, cerca de duzentos mil japoneses foram para o Havaí. Após isso, houve a oportunidade de desembarcarem em um novo destino, os EUA, mais especificamente a costa oeste do país. Inicialmente, foram para a Califórnia e depois para outros estados mais ao norte do país, e também para o Canadá. A partir disso, os Estados Unidos e o Canadá passaram a ser os destinos favoritos dos imigrantes pois ofereciam muitas oportunidades, no entanto, segundo Sakurai (2007) um dos problemas encontrados foi a discriminação.

O grande problema dos japoneses desde que passaram a emigrar para os Estados Unidos foi a discriminação. A ‘sociedade branca’ norte-americana via com muita desconfiança e preconceito a presença dos que chamava de ‘amarelos’ - chineses e japoneses - em seu território. Na virada do século XIX para o XX, as questões raciais tomavam conta do mundo não só acadêmico, mas estavam presentes também no cotidiano das pessoas. Havia um clima hostil dos que se consideravam ‘brancos’ em relação às chamadas raças inferiores, ‘negra’ e ‘amarela’. Os imigrantes japoneses eram vistos como inferiores pela população local, que mesmo sendo nova na região do Pacífico incorporou a diferenciação racial como um valor a ser preservado (SAKURAI, 2007, p. 219).

No Brasil, a necessidade de estrangeiros mais ‘dóceis’ e ordeiros (TAKEUCHI, 2008) fez com que as elites considerassem essa importação. No entanto, essa imigração era vista por vários intelectuais e médicos eugenistas, como inconveniente, uma vez que ameaçava o projeto étnico de um futuro Brasil europeu/branco. Já nos Estados Unidos, ainda segundo Takeuchi, a visão sobre o imigrante japonês era sobre uma possível ameaça à mão de obra norte-americana, ou seja, concorrência trabalhista. Esse discurso não é desconhecido pelos brasileiros, muito comumente se escuta que “um japonês irá tirar sua vaga” e de certa maneira foi um pensamento importado dos EUA. Esse discurso se dá devido ao mito da minoria modelo⁷ e ao perigo amarelo⁸ e segundo Takeuchi, desde 1901, existia um pensamento contra o “elemento japonês, acusado de ser inassimilável, de possuir maus hábitos e um baixo padrão de vida e de procriar rapidamente (TAKEUCHI, 2008, p. 56)” dentro dos Estados Unidos.

⁷ Um estigma e estereótipo positivo no qual pessoas com ascendência asiática são colocadas como pessoas modelo à serem seguidas em vários aspectos, sendo em comportamento, estudo, trabalho ou qualquer outra área e ação.

⁸ O perigo amarelo (*yellow peril*) consiste num temor de que nipônicos invadissem a costa oeste estadunidense. No Brasil, a desconfiança veio ainda maior após a elevação do Japão à potência militar em ascensão.

No contexto da Guerra Russo-Japonesa e da crise econômica, o Japão investiu na emigração, e por desconfianças políticas o governo dos EUA passou a restringir a entrada de estrangeiros dessa origem em suas terras. Além disso, mesmo com a entrada de italianos no Brasil e com a esperança do embranquecimento do país, haviam críticas sobre essa população, que estava, frequentemente, realizando protestos contra as condições sociais e trabalhistas no país. Outrossim, a Itália estava impedindo que sua população aceitasse o transporte custeado pelo Brasil, e nesse contexto, o país recebeu o primeiro navio japonês *Kasato Maru*, em 1908.

Entre 1908 e até o final dos anos 1970 o Brasil recebeu cerca de 250 mil japoneses e, diferente dos EUA, aqui desembarcaram famílias inteiras, e não apenas jovens. Essa diferença se dá devido às condições para entrada em terras brasileiras, numa família eram necessárias pelo menos três pessoas aptas a trabalhar para que o resto pudesse acompanhar. Além disso, outra diferença é que vieram para o Brasil emigrantes de todas as partes do Japão, algo que não aconteceu em outros lugares como Peru e EUA, que receberam imigrantes de 2 áreas específicas.

Após as primeiras reações do governo estadunidense, começam a ser tomadas medidas mais drásticas como o *Gentlemen's Agreement* de 1907 que proibia novas entradas de japoneses, exceto noivas acertadas⁹. Depois em 1913 o estado da Califórnia impediu que japoneses comprassem terras ou se naturalizassem. E finalmente em 1924 uma lei que proibiu definitivamente a imigração de asiáticos em todo território norte americano. O problema é que as famílias que já estavam no país começaram a sofrer ataques e perseguições em suas casas e estabelecimentos. Ocorreram manifestações nas ruas com frases “*japs, go home!*” (“japas, voltem pra casa!”) e a justificativa era construída sobre o “perigo amarelo” e engrandecida com os atritos entre EUA e Japão na Primeira Guerra Mundial. Havia a desconfiança de que os japoneses que já estavam em território estadunidense eram apenas agentes do imperialismo japonês disfarçados e que a qualquer momento o Japão iria invadir os EUA. Com essa proibição em 1924, os imigrantes japoneses começaram a procurar principalmente o Brasil. O governo japonês incentivou muito a emigração com propagandas de fácil enriquecimento, muito alimento e boas terras. Do total de imigrantes que desembarcaram no Brasil, $\frac{2}{3}$ vieram entre 1925 e 1942.

⁹ Noivas acertadas eram “noivas por fotografia”, ou seja, praticamente um casamento arranjado. Segundo Sakurai (2007), homens imigrantes enviavam uma foto ao Japão para que a família encontrasse uma pretendente que atravessasse o mar para se casar. Como geralmente emigravam apenas jovens do sexo masculino, era difícil construir uma família fora do Japão, então buscavam em casa uma pessoa disposta a emigrar também.

FIGURA 1 - MULHER BRANCA EM FRENTE A UMA CASA COM PLACAS COM FRASES EXPULSANDO IMIGRANTES JAPONESES



Foto tirada em Hollywood em 1923. A Hollywood Association começou uma campanha para expulsar os japoneses desse bairro/comunidade. Na foto as placas dizem “Japas, fiquem longe, vocês não são desejados (aqui)” e “Japas, continuem (indo embora), esse é um bairro de homens brancos”. Fonte: The Bettmann Archive em Getty Images. Disponível em: <<https://www.gettyimages.fi/detail/utiskuva/in-1923-the-hollywood-association-started-a-campaign-to-utiskuva/514689290>>. Acesso em 31 mai. 2022.

Todo esse clima tenso da guerra e desconfiança vindo desde a Primeira Guerra Mundial continuou durante a Segunda Guerra com o ataque à Pearl Harbour. A atitude dos EUA foi personificar seu inimigo, o Japão, nos imigrantes japoneses estabelecidos em seu território. Esses passaram a ser isolados, foram presos e levados a campos de internação apenas com pertencer que poderiam ser carregados com as duas mãos, e segundo Sakurai (2007) foram presos 120 mil nipo-americanos até 1944. Tais campos eram vigiados a todo momento e ainda tinham arame farpado. Após o término da guerra, os imigrantes foram liberados dos campos de internação, mas somente em 1988, os 80 mil sobreviventes foram indenizados com 20 mil dólares cada.

FIGURA 2 - O CAMPO DE INTERNAÇÃO MANZANAR



Foto tirada pela fotógrafa Dorothea Lange em 1942 no campo de internação Manzanar, publicada somente em 2006 no livro “Impounded: Dorothea Lange and the Censored Images of Japanese American Internment”. Fonte: Hypeless. Disponível em: <<https://www.hypeless.com.br/2016/12/fotos-censuradas-dos-campos-de-concentracao-japoneses-nos-cua-sao-reveladas-e-transformadas-em-livro/>>. Acesso em 17 ago. 2022.

FIGURA 3 - JAPONESES NO REFEITÓRIO DO CAMPO DE INTERNAÇÃO
MANZANAR



Foto tirada pela fotógrafa Dorothea Lange em 1942 no campo de internação Manzanar, publicada somente em 2006 no livro “Impounded: Dorothea Lange and the Censored Images of Japanese American Internment”. Fonte: Hypheness. Disponível em: <<https://www.hypheness.com.br/2016/12/fotos-censuradas-dos-campos-de-concentracao-japoneses-nos-eua-sao-reveladas-e-transformadas-em-livro/>>. Acesso em 17 ago. 2022.

No Brasil não acontece de maneira muito diferente já que o Japão se torna um inimigo e, como consequência, durante o governo Vargas, nos anos finais da década de 30, foi proibido o ensino da língua japonesa aos menores de 14 anos. Além disso, foi proibido reunião em grupo, falar japonês em público ou se locomover sem um salvo-conduto¹⁰. Outrossim, os imigrantes e suas casas eram constantemente revistados e presos por não seguirem tais regras de proibição. Uma das diferenças é que, apesar de todas as restrições no Brasil, comparando aos EUA e ao Peru, segundo Sakurai (2007), as demonstrações de discriminação foram bem mais brandas, pois não houveram medidas que envolvessem toda a comunidade japonesa, como os campos de internação. E assim como nos EUA, no Brasil a situação voltou ao normal com o encerramento da guerra.

Nesse ponto, percebe-se que, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, os imigrantes japoneses e suas gerações enfrentaram algum tipo de preconceito. Portanto, em relação a esse tópico os países são semelhantes e permitem o estabelecimento de relação entre eles, ou seja, comparação (LIJPHART, 1975). Semelhantemente, outros imigrantes, que eram considerados pessoas de cor ou ainda, povos originários, enfrentaram e enfrentam preconceito. E muitas vezes ao pensar na imigração japonesa e vidas asiático-brasileiras não pensamos na dificuldade que as famílias passaram para se estabelecer em um novo país, em um novo território. Além disso, quando se fala sobre asiáticos, pensamos em xenofobia, porém, quando falamos em preconceito não pensamos no asiático primeiramente, mas sim em pessoas negras. Apesar disso, são lutas que não podem ser comparadas, visto que a história nos mostra a grande diferença entre elas.

Como a emigração era uma política de Estado, e sabendo da discriminação enfrentada nos EUA e Havaí, o Japão estudou formas de proteger seus emigrantes. Assim, antes mesmo de começar o fluxo para o Brasil, em 1896 era aprovada a Lei de Proteção aos Emigrantes, incentivando a emigração oficial e oferecendo uma legislação que os protegia e amparava. Evidentemente, essa Lei não funcionou no caso dos Estados Unidos, mas foi eficaz para o caso brasileiro, pois o governo conseguiu organizar companhias de emigração que eram responsáveis

¹⁰ Salvo-conduto era um documento que simplesmente permitia o trânsito dentro do Brasil e foi muito utilizado durante a época da Segunda Guerra Mundial justamente pelos imigrantes que poderiam ser capturados a qualquer momento.

por todo o processo da emigração, desde as propagandas até a chegada no destino final, que no caso eram as fazendas. Além disso, havia ainda o subsídio do governo japonês, que bancava toda a viagem de navio, que durava cerca de 40 dias até chegar ao porto de Santos.

Dentro do Brasil, os japoneses trabalhavam, primeiramente, em plantações de café e tentavam guardar algum dinheiro para adquirir sua própria terra, ainda que pequena. Tiveram que se adaptar com a alimentação e com o clima, além de abandonar padrões de beleza e passar por cima de crenças culturais. Com as terras brasileiras ainda sendo desbravadas, os locais afastados, ainda com mata e habitadas por povos indígenas, foram as principais instalações de famílias japonesas que conseguiam comprar uma terra. Devido às condições do local, as terras tinham preços mais baixos para quem estivesse disposto a explorar. Com isso, começaram uma vida do zero em sua nova terra, cortando árvores, queimando e construindo um abrigo, e foi assim em boa parte de onde hoje são os estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. Após esse desbravamento, os japoneses passaram a introduzir novos produtos agrícolas no mercado brasileiro, como o algodão. Alguns outros produtos também eram o principal cultivo dos japoneses, como arroz, batata, chá e banana. Além disso, desde 1912, falava-se em uma vocação agrícola dos japoneses, segundo Sakurai, pois se deram muito bem na organização de cooperativas com um sistema que ia desde a produção até a venda. Mudaram a forma de produção avícola, pois era uma produção doméstica e passou a ser separado e exclusivo e, também, a partir da década de 30, formaram-se os cinturões verdes, onde eram cultivados legumes, verduras e frutas – e também flores –, e nisso os japoneses conseguiram introduzir uma maior variedade de produtos no mercado brasileiro.

Até a Segunda Guerra Mundial formaram-se comunidades japonesas onde existiam vários núcleos familiares próximos. Nessas comunidades tinham escolas, associações esportivas, espaços de lazer, plantações, e era como um pequeno Japão no interior do Brasil, pois muitos chefes de família ainda tinham o sonho de retornar e viver em comunidade com os padrões japoneses ajudaria os mais jovens na volta para casa. Ainda, dentro dessas comunidades havia confraternização e socialização, era onde as famílias se encontravam após o árduo trabalho para realizarem campeonatos de beisebol e atletismo, concurso de oratória em japonês, ou de canto e dança, mobilizando a comunidade inteira e muitas vezes até em nível nacional. Além disso, as comunidades serviam para fazer negócios, arrumar casamentos e conhecer outros japoneses para estabelecer amizade.

Após a derrota do Japão na guerra houveram muitas reações diferentes daqueles que já estavam no Brasil e mudança de rumos, principalmente aos que ainda sonhavam em retornar

para casa. Boa parte reagiu decidindo ficar no Brasil trabalhando e estudando, outros enviaram ajuda aos parentes e conhecidos e também houve um grupo que não acreditava na derrota japonesa. Além disso, continuava a emigração japonesa, no entanto, o perfil desses era um pouco diferente do que anteriormente, mas parecido com os que primeiro chegaram aos EUA. Antes o Brasil recebia famílias inteiras e agora nesse pós-Guerra recebia homens jovens, por volta dos seus 25 anos, solteiros e qualificados profissionalmente. Assim como nos EUA lá atrás, esses começaram a chegar ao Brasil em busca de emprego e a presença de uma grande comunidade japonesa aqui ajudou os novos imigrantes que vinham para ficar. Segundo Sakurai (2007), esses jovens eram contratados para trabalhar em algumas indústrias japonesas que estavam abrindo no Brasil, em setor privado e de base como siderúrgica e construção naval. Por outro lado, as famílias que já estavam aqui continuavam seu grande trabalho e esforço de colonizar terras pouco exploradas e com isso iam abrindo novas fronteiras agrícolas no Centro-Oeste e Norte do Brasil. Assim, nos anos 70, imigrantes japoneses e seus descendentes junto ao governo brasileiro exploravam o cerrado e estendiam as áreas cultiváveis do país, com isso, e seguindo a “vocação agrícola”, desenvolveram a cultura da juta¹¹ e de pimenta do reino na Amazônia, plantaram maçã e p era no sul do Brasil e frutas tropicais destinadas à importação no nordeste.

Além dessa movimentação para o interior no pós-Guerra, muitas famílias deixaram comunidades, ou seja, sítios e foram para cidades, a grande maioria para São Paulo ou outras cidades no interior do estado. Nas cidades a dificuldade foi a utilização do português, então inicialmente exerceram profissões que não necessitasse de muito conhecimento na língua, que exigisse pouco capital inicial e que a família inteira pudesse ajudar, e assim criaram mercearias, barbearias, barracas de feira e quitandas. Até hoje encontramos muitas famílias que seguiram a carreira, muitos tiveram sucesso e aumentaram os negócios e seus descendentes puderam escolher outras carreiras e frequentar universidades.

Quando se trata de aparências, imediatamente, ao pensar na imagem de uma pessoa asiática são construídos estigmas junto dela. Relata-se alguém que segue certos traços fenotípicos como cabelos lisos e pretos, olhos puxados, e para além da aparência espera-se que seja uma pessoa muito inteligente, dócil, quieta, educada, sem antecedentes criminais nem intenções criminais e que seja uma pessoa esforçada. São estigmas que não podem ser atendidos

¹¹ Juta é um tecido de fibra vegetal, prov m de uma erva (Corchorus capsularis) e é muito utilizado em decorações.

visto que são apenas expectativas e uma pessoa não tem obrigação nenhuma de ser o que a sociedade espera.

Dessa maneira, seguimos até o Brasil colônia, depois mais especificamente até o século XX para entendermos como a história trouxe como consequência esse estigma para o asiático brasileiro. Não apenas o estigma mas muitas outras coisas. Mesmo com a independência e com o fim da escravidão o Brasil não deixou de ser um país colonizado por portugueses, sendo assim, continuaram aqui os pensamentos eurocêntricos, podendo ser denominado de colonialidade, conceito cunhado por Quijano (1997). Assim a colonialidade, ou mais especificamente, colonialidade do poder “implica uma dependência histórico-cultural” (QUIJANO, 1997, p. 141), ou seja, não é algo que desaparece simplesmente com a criação, separação ou independência de um país ou território, está enraizada na memória de um povo. E ainda, a colonialidade do saber nos impede, como latinoamericanos, de enxergar a realidade totalmente a partir da nossa visão, a partir do lugar onde estão os nossos pés. Toda essa noção de colonialidade também traz consigo configurações de poder padronizadas e muito bem estruturadas, mantendo a hegemonia em todos os aspectos.

A partir do século XX, Takeuchi (2008, p. 41-44) afirma que a questão racial tornou-se o primeiro critério de nacionalidade, abrindo uma brecha para o racismo. Nesse mesmo momento, fora garantida a entrada de imigrantes brancos no país que iriam substituir, supostamente, a mão-de-obra negra, e iriam embranquecer o país, livrando-o de doenças. Seguindo esse pensamento embranquecedor e eurocêntrico, percebe-se uma repetição dos atos e pensamentos do colonizador pelo colonizado, ou seja, o colonialismo interno, cunhado por Stavenhagen (2014), em prática.

A seguir mostrarei um quadro comparativo entre Brasil e Estados Unidos resumindo algumas características citadas nesse capítulo.

QUADRO 1 - RESUMO DAS CARACTERÍSTICAS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA PARA O BRASIL E PARA OS ESTADOS UNIDOS

Características	Países	
	Brasil	Estados Unidos
Maior período de recepção	1908 a 1970	1884 a 1924

de emigrantes		
De quais região do Japão vieram	Todas as regiões do Japão (principalmente Kyushu e Okinawa, e em menores números, as ilhas de Shikoku e Hokkaido, ao norte).	Kyushu e Okinawa (regiões do Sul do arquipélago japonês).
Efeitos da Lei de Proteção aos Emigrantes	Serviu muito bem de apoio aos japoneses que estavam procurando uma nova moradia, o apoio ia desde a propaganda até a chegada ao destino.	Quase não surtiu efeito devido a data de surgimento da Lei que foi muito próxima às ações anti nipônicas tomadas pelo governo estadunidense.
Primeiras regiões onde chegaram os emigrantes	Santos	Havaí
Como foi durante o período da Segunda Guerra Mundial	Foi proibido o ensino da língua japonesa aos menores de 14 anos, proibido falar japonês em público, proibido fazer reuniões e se locomover sem salvo-conduto.	Foram tomadas medidas extremas pelo governo estadunidense ao criarem os campos de internação. Cerca de 120 mil imigrantes foram presos nesses campos até 1944.
Perfil dos primeiros emigrantes	Famílias em que 3 pessoas eram aptas a trabalhar e assim o resto dos membros poderiam acompanhar.	Jovens homens para trabalhar temporariamente no corte de cana-de-açúcar.

Atualmente, o Brasil e os Estados Unidos possuem comunidades japonesas grandes, no entanto, ela é composta em grande maioria pelos descendentes dos imigrantes, portanto nipo-brasileiros ou nipo-americanos, ou no termo em inglês “*asian americans*”. Depois da guerra, a reinserção e reintegração dos imigrantes na sociedade foi bem sucedida. Conseguiram adentrar faculdades, mercado de trabalho, integrar eventos de ambas as culturas, ambos os lados em um lugar só. No entanto, ficaram ainda os estigmas enraizados no pensamento estadunidense e brasileiro. Não foi sem fundamento que o surgimento de uma nova doença respiratória, a COVID-19, em território chinês, onde predominam pessoas fenotipicamente parecidas com japoneses e coreanos, fosse motivo para que a visão sobre as comunidades asiáticas mudasse. Os estigmas perduraram e bastou a mudança de cenário internacionalmente para que desse

início a uma nova desconfiança sobre pessoas que nasceram fora do território asiático – apenas têm ascendência – e que nunca tiveram contato com a doença.

De meados da década de 1980, brasileiros descendentes de japoneses têm migrado para o Japão para trabalhar, criando uma comunidade brasileira que atinge cerca de trezentos mil no início do século XXI. Junto com os peruanos, formam o grupo de latino-americanos reconhecidos pelo termo *dekasegûi*. Quase todos trabalham em indústrias. A tendência é de famílias migrarem e muitos permanecerem no Japão. Há até mesmo nichos de concentração desses brasileiros, ‘*litte Brazil*’, em algumas províncias do Japão (SAKURAI, 2007, p. 237).

Sendo assim, após compreender a história da imigração japonesa nos EUA e no Brasil e as raízes do preconceito contra amarelos em ambos os países, no próximo capítulo irei contextualizar brevemente o impeachment e que importância as redes sociais tiveram nesse acontecimento. Além disso, semelhantemente, irei apontar o papel das redes sociais antes e durante as campanhas eleitorais de Donald Trump e Jair Bolsonaro e também durante seus governos, e quais estratégias surgiram durante esses períodos. Por fim, irei comparar as ações primárias de seus governos durante a pandemia da Covid-19.

2. O POPULISMO 2.0 NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS

As redes sociais e outras tecnologias, antes mesmo da pandemia, já faziam parte do cotidiano de muitas pessoas, mas durante o período de isolamento social, tiveram um grande papel e continuam tendo. O principal papel é o da comunicação, na maioria das vezes com familiares, amigos ou colegas de trabalho. Com isso, governos como o brasileiro e o estadunidense se apropriaram das redes sociais, principalmente o Twitter, para também se comunicar com os cidadãos e eleitores, o que Almeida *et al.* (2020) chamam de “twittocracia”. Essa maneira de se comunicar com o povo da maneira mais acessível possível é uma das características do populismo, que busca uma conexão com pessoas comuns por vias diretas e não pelas instituições políticas formais. No entanto, sabe-se que mesmo buscando estabelecer linha direta com a população, geralmente é atingida apenas uma parcela desses, uma vez que em uma democracia é praticamente impossível representar o interesse de todos. Ainda, segundo Almeida *et al.* (2020, p. 6) existem características do populismo dentro da twittocracia que são utilizadas tanto como um “estilo de comunicação como estratégia de comunicação política” (*apud* ABELIN, 2020). Sabendo disso e de como o populismo de certa maneira sempre utilizou novas tecnologias para a época em que se manifestaram, como o rádio e a televisão, o *Twitter* ou outras redes sociais estão sendo utilizadas novamente para tal comunicação e formação de um populismo 2.0. (ALMEIDA *et al.*, 2020 *apud* GERBAUDO, 2014).

Durante o governo de Dilma Rousseff e durante o processo de seu impeachment as redes sociais tiveram participação importante. Ela tinha boa parte do apoio da Câmara dos Deputados, uma vez que 12 partidos a apoiavam e tinham cerca de 300 cadeiras (LIMONGI, 2017). Nesses termos, imagina-se que o impeachment não seria possível já que a ex-presidenta estava praticamente blindada de apoio, no entanto, aconteceu o que menos se esperava. E, incrivelmente, desses 12 partidos apoiadores de Dilma, 9 foram a favor de seu impeachment e passaram a fazer parte do governo Temer. Limongi (2017) fala que o impeachment aconteceu em condições tão extremas pois Dilma tinha uma maioria ao lado dela, então não seria fácil tirá-la, nem mudar opiniões. No entanto, nesse momento é que entram as redes sociais e o que a influência popular causou no processo todo e nos envolvidos: “na realidade, a angular volta a se abrir, e influências, como a pressão das ruas e da crise econômica, voltam a pedir tratamento. Parlamentares não agem em uma redoma. Tomam decisões baseados em avaliações sobre seus destinos, respondendo a pressões sociais (LIMONGI, 2017, p. 6)”. Dessa forma, mesmo os envolvidos compreendendo o poder do impeachment e pessoalmente sendo contra, a decisão favorável a ele foi tomada pensando na reação da população e na tentativa de se protegerem

publicamente. Vale destacar que a pressão da opinião pública, expressa e potencialidade pelas redes sociais, não foi o único fator que mudou as condições políticas e possibilitou o impedimento de Dilma.

Nesse período, segundo Luli Radfahrer¹², colunista e professor de Comunicação Digital da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), as redes sociais tiveram grande importância no acompanhamento do impeachment uma vez que o assunto foi tratado como entretenimento. Radfahrer ainda explica que quando as pessoas trocam a mídia tradicional pelas redes sociais como Facebook, acabam ficando rodeadas pelo conteúdo daquela única rede e apenas de uma bolha de conhecidos, contribuindo para uma polarização e para essa disputa tal qual futebol.

O Twitter existe desde 2006 e o uso dessa rede cresceu muito, assim como os aplicativos da *Meta Platforms* – que envolvem *Instagram*, *Facebook* e *WhatsApp*. No Brasil, essas são as principais redes sociais utilizadas e que também se tornaram canais oficiais de comunicação governamental, segundo Almeida *et al.* (2020). No entanto, para Ott (2017) o *Twitter* promove impulsividade uma vez que é uma rede social fácil de usar e não requer que uma pessoa pense muito para *twittar* (tuitar) ou nas consequências do seu *tweet*. Ainda segundo Ott, os *tweets* tendem a ter uma carga emocional, ou seja, realmente acontecem por impulso devido algum tipo de acontecimento e esses tweets são, no geral, os mais retuitados.

Nesse sentido, em momentos de impulsividade e sem pensar nas consequências são publicados tweets com algum tipo de fala automática que é preconceituosa, seja em relação a cor, religião, orientação sexual, entre outros. No caso de pessoas famosas ou importantes, como presidentes ou primeiros-ministros, essas publicações podem se tornar muito maiores e é exatamente o que acontece ou aconteceu com as contas de Jair Bolsonaro e Donald Trump, antes, durante e depois de suas campanhas eleitorais e mandatos presidenciais. Logo, da mesma maneira que o povo consegue influenciar quem está no poder, o contrário também acontece.

Em junho de 2015, Trump anunciou através de suas redes sociais sua intenção de concorrer à presidência dos Estados Unidos e em julho do ano seguinte foi confirmada por seu partido. E desde o dia primeiro de junho Trump já estava se antecipando e avisou em seu *Twitter* e *Instagram* que no dia 16 do mesmo mês haveria um grande anúncio. Desde então, Trump resgatou a frase “*Make America Great Again*” e a utilizou como slogan de campanha e sempre utilizando suas redes sociais para manter contato constante com o público. Semelhantemente,

¹² <https://jornal.usp.br/atualidades/as-midias-sociais-e-o-impeachment/>. Acesso em 21 de set. de 2022.

no início de 2018, Bolsonaro trocou de partido e anunciou sua intenção de concorrer à presidência do Brasil e teve sua candidatura aprovada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em 6 de setembro de 2018. Seu slogan de campanha foi “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, que também foi utilizado em seu governo após sua eleição, e assim como Trump, Bolsonaro também manteve constante contato com o público. Um dos meios que Jair utilizou foi o WhatsApp, aplicativo para troca de mensagens que não é popular nos Estados Unidos, mas que é o mais utilizado no Brasil. No entanto, nos grupos públicos utilizados em favor de sua campanha eram difundidas apenas notícias falsas, vídeos desmentindo outras publicações da imprensa, falsos apoios e desconfianças em relação às pesquisas eleitorais, segundo matéria investigativa do jornal El País¹³. Segundo o site existiam pelo menos 100 grupos e 37 deles estavam sendo monitorados pelo projeto “Eleições Sem Fake” da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ainda na matéria é especificado que alguns dos grupos servem para desmentir matérias da imprensa e outros servem para disseminar as fake news. Tanto a campanha de Donald Trump quanto a de Jair Bolsonaro tiveram a presença de fake news que os favoreceram.

Em 2017, o termo fake news foi popularizado pelo uso repetitivo que Trump fez da expressão (NYABOLA, 2018, p. 167). Na primeira coletiva de imprensa após ter assumido o cargo, Trump se recusou a responder a pergunta de um jornalista da CNN e classificou a empresa como “fake news”. Farkas e Schou (2018) defendem que o termo seja tratado como um significante flutuante em moldes laclauianos. Nesse sentido, a definição de “fake news” está em constante disputa política, sobretudo para deslegitimar opositores e construir hegemonias. Na inversão popularizada por Trump e incorporada por Bolsonaro, a imprensa hegemônica e o jornalismo profissional perdem sua credibilidade e passam a ser encaradas como notícia falsa em contraste à verdade e à liberdade de expressão das redes (CESARINO, 2020) (ALMEIDA *et al.*, 2020, p. 17).

Durante o ano de 2020 e enquanto não havia esperança de um medicamento, vacina ou tratamento efetivo para a COVID-19, a única saída foi realmente o distanciamento social e o uso da máscara corretamente. Sendo assim, uma das maneiras mais efetivas de resistência e militância foi comprometida: a manifestação nas ruas. As manifestações foram evitadas por um bom tempo com decretos e recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), no entanto, algumas pessoas se arriscaram após muita insatisfação e episódios contínuos de injustiças comparecendo a manifestações nas ruas, tanto no Brasil quanto nos EUA. Mas enquanto isso não acontecia ou ainda, quem não podia ou não queria se arriscar nas ruas, usou as redes sociais para se manifestar abertamente.

¹³ https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311_859341.html. Acesso em 18 de out. de 2022.

Da mesma maneira que Jair Bolsonaro e Donald Trump tentavam se comunicar com seus apoiadores e enviar recados e avisos para opositores através de seus perfis nas redes sociais, a população afetada pela COVID-19 e menosprezada pelos seus presidentes também tentava se comunicar com seus supostos representantes. Ambos os presidentes utilizaram e ainda utilizam a mesma estratégia nas redes sociais, que se trata de uma constante comunicação com seus seguidores. Em concordância com Almeida *et al.* (2020) a professora e cientista política Amy Erica Smith da Iowa State University afirma em entrevista¹⁴ para a BBC News Brasil que Bolsonaro e Trump são líderes populistas e essa forma constante de comunicação com seus apoiadores se parece com uma campanha infinita. Além disso, Smith também fala que eles têm desejo por soluções rápidas e acabam vocalizando elas mesmo sendo incorretas e indo contra especialistas, colocando o Twitter como principal canal para tal anúncio, pela sua facilidade e rapidez.

Nos EUA, com o pontapé inicial de Trump em um tweet xenofóbico foi estabelecida errônea e negativamente uma imagem à COVID-19, a imagem de pessoas asiáticas, não importando o país ou região de origem familiar. Lá, a comunidade asiática foi praticamente esquecida e tiveram suas empresas afetadas pelo discurso de Trump. Muitas famílias imigraram para os Estados Unidos com o sonho americano de vida e abriram restaurantes e outros negócios para poder levantar dinheiro para a família e proporcionar uma vida melhor para os filhos e futuro deles. Segundo notícia da ABC News, antes da pandemia as taxas de desemprego da comunidade asiática era de apenas 2,5% mas após a pandemia a taxa quadruplicou para 10,7%. Todavia, enquanto Trump divulgava pensamentos e tendências positivas para essa taxa, seu discurso anti asiáticos não ajudou muito nesses números. Bairros com grande número de comércios de famílias asiáticas como o Chinatown foi extremamente afetado, no Brasil esse bairro pode ser comparado ao bairro da Liberdade em São Paulo.

No Brasil, conforme a pandemia começava e muitos acompanhavam os casos no resto do mundo e outras notícias – como a de Trump falando sobre o “*Chinese virus*” –, também absorviam falsas informações e o sentimento de ódio contra asiáticos, além de declarações negativas sobre a China vindas dos Ex-Ministros da Educação e das Relações Exteriores, Abraham Weintraub e Ernesto Araújo. Ainda em março de 2020 começavam casos de racismo no Brasil segundo depoimentos coletados pela Folha de São Paulo¹⁵. Mas esse tipo de

¹⁴ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52361730>. Acesso em 17 de out. de 2022.

¹⁵ <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/brasileiros-de-ascendencia-asiatica-relatam-ataques-racistas-durante-a-pandemia.shtml>. Acesso em 18 de ago. de 2022.

preconceito não é recente, visto que no Brasil, no início do século XX, a manutenção, segurança e saúde da sociedade brasileira era baseada em raça e apoiada “por um racismo científico que legitimava iniciativas políticas em nível nacional e regional (TAKEUCHI, 2008, p. 42)”.

Dessa maneira, pessoas mestiças (mistura racial) eram vistas como sujas ou doentes, já que estariam enfraquecendo e colorindo a população brasileira. Nesse sentido construíram-se vários mitos sobre a vivência do imigrante japonês e de outros no Brasil durante o século XX, sobretudo com a criação do Boletim de Eugenia (Idem, 2008, p. 46-47) em 1929, voltado para publicação de estudos experimentais relacionando doenças à raça e ou cor do ser humano. Logo, primeiramente, o imigrante japonês foi indesejado em território brasileiro, tendo em vista a questão racial e o mito do perigo amarelo (Idem, 2008, p. 56-57.), que foi muito enfatizado pelos Estados Unidos no início do século XX. Em um segundo momento, foi considerado o imigrante ideal pois eram vistos como pessoas dóceis, trabalhadoras e esforçadas, criando também o mito da minoria modelo. Mas é perceptível que essas leituras dependem muito do contexto pelo qual estamos passando, o simples fato dos primeiros casos de COVID-19 terem sido em Wuhan na China já deu abertura e imaginação à população para o contexto de imigrantes sujos e indesejados.

O Instituto Sociocultural Brasil-China (Ibrachina) criou em fevereiro de 2020 uma central de denúncias e entre a data de criação e maio de 2021 recebeu 97 queixas de ataques racistas contra pessoas amarelas, que segundo o presidente do instituto Thomas Law, foram atendidas e orientadas a procurar uma delegacia. No entanto, Law acredita existir uma subnotificação de casos, uma vez que em algumas culturas asiáticas existe um certo receio e medo, e preferem antes passar por um filtro antes de ir diretamente a delegacia. Esse receio está conectado com a necessidade de honrar a família e não trazer vergonha, segundo a psicóloga Karina Kikuchi para a matéria da Folha de São Paulo.

Em março de 2021, aconteceu um atentado em Atlanta, nos EUA, contra mulheres de origem asiática. Seis mulheres foram mortas por um atirador e isso levantou novamente a questão sobre o racismo contra amarelos. Diferente dos EUA, no Brasil não ocorreu nenhum caso de agressão grave que tenha resultado em morte, mas agressões verbais e físicas podem ser totalmente prejudiciais para o psicológico dessa comunidade. Após esse atentado surgiu a hashtag *#StopAsianHate* no *Twitter* e no *Instagram* que repercutiu no mundo inteiro como forma de resistência e protesto.

A gestão da pandemia tanto pelo Brasil quanto pelos Estados Unidos incentivaram que tal movimento acontecesse e os principais fomentadores foram Bolsonaro e Trump. Depois, em

junho de 2021 a hashtag foi retomada no Brasil após depoimento da médica Nise Yamaguchi e *tweet* com piada racista da jornalista Rita Lobo, que reconheceu seu erro e apagou o *tweet*, além de se retratar pedindo desculpas com outro *tweet*.

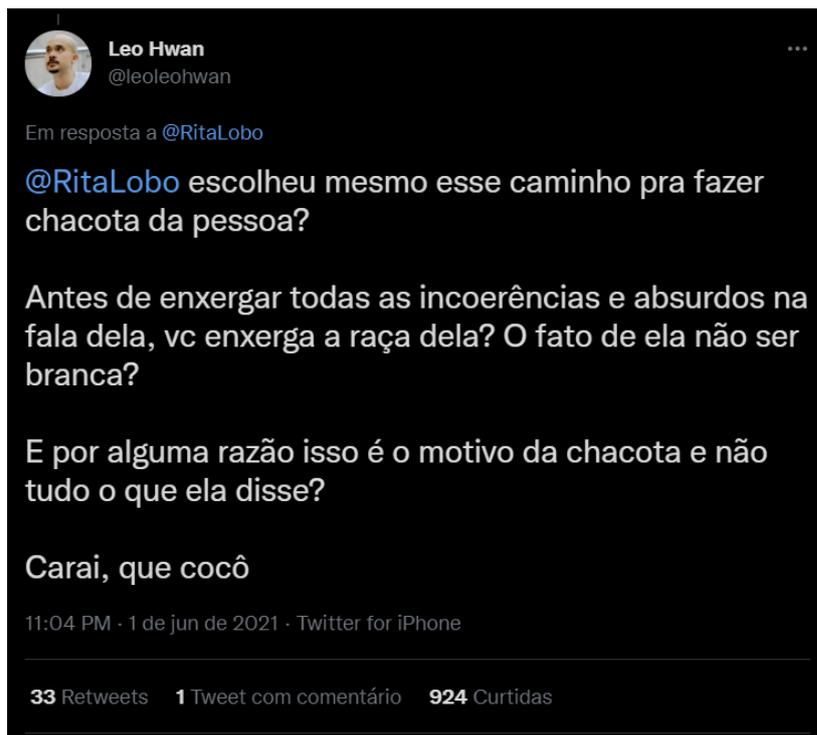
Dentro das redes sociais existem espaços virtuais que conectam comunidades e especificamente no Twitter a comunidade asiática é comumente conhecida como “*Asian TT*”, já a comunidade negra, por exemplo, é conhecida como “*Black TT*”. Nesses espaços existem pessoas bastante conhecidas como a atriz brasileira Ana Hikari, a primeira amarela a interpretar o papel de protagonista em uma novela da Globo, *Malhação* em 2017. Além disso, outras figuras públicas como Youtubers, pesquisadores e líderes de movimentos ou páginas conhecidas também são reconhecidos, como Leo Hwan e Tami Tahira do canal do Youtube “*Yo Ban Boo*”. Essas e outras pessoas sempre acabam comentando sobre suas experiências e outros acontecimentos em seus perfis e também usam como espaço de resistência, e o caso de Nise Yamaguchi foi um desses. Apesar de Rita Lobo ter apagado o *tweet*, as respostas dele ainda continuam visíveis.

FIGURA 4 - *PRINT DO TWEET DE ANA HIKARI*



Fonte: <https://twitter.com/>

FIGURA 5 - *PRINT DO TWEET DE LEO HWAN*



Fonte: <https://twitter.com/>

Fora das redes sociais, no início de fevereiro de 2020, acontecia a primeira ação do governo brasileiro sobre a pandemia da COVID-19, quando 34 brasileiros foram repatriados com a ajuda de duas aeronaves da Força Aérea Brasileira. Essas pessoas ficaram 14 dias em quarentena para garantir que o novo vírus não adentrasse o país. No entanto, tal esforço postergou por pouco tempo a confirmação do primeiro caso no Brasil, confirmado ao final de fevereiro, que se tratava de um homem de 61 anos recém chegado da Itália, e não da China. Após isso, o Ministério da Saúde esteve em constante acompanhamento da Organização Mundial da Saúde (OMS) e sua intenção era seguir todos os protocolos sugeridos por ela, além de adotar as próprias estratégias dentro do país. Entretanto, a relação entre Jair Bolsonaro e seus vários Ministros da Saúde durante a pandemia não foram as melhores, visto que o presidente não demonstrou a seriedade necessária para tratar do assunto com especialistas, piorando a situação.

Em uma de suas ações, ao final de março de 2020, Bolsonaro lança uma Medida Provisória que permitia suspensão de contrato de trabalho e salário por até quatro meses, mas após tantas críticas, no dia seguinte à publicação, ele voltou atrás em sua decisão. Em um cenário completamente incerto, autorizar que empregadores deixassem seus trabalhadores por 4 meses sem salário não seria a melhor decisão pois geraria mais dúvidas ainda sobre o futuro.

A maior insistência de seu governo foi o tratamento da COVID-19 com Cloroquina, medicamento desenvolvido para tratamento da Malária que é causada por protozoários, transmitida aos humanos através da picada de mosquito, e a COVID-19, no entanto, é um vírus. Segundo matéria do Nexo Jornal¹⁶, no início da pandemia, foi feito um estudo com o medicamento na China e então um microbiologista francês, Didier Raoult utilizou os resultados desse estudo para realizar outro. Em seu estudo ele associou o uso da Cloroquina com Azitromicina, um antibiótico, e publicou os resultados em 16 de março de 2020 afirmando que 100% dos pacientes tinham se curado com esse tratamento. Porém, seu estudo excluiu algumas particularidades relacionadas à continuidade do uso dos medicamentos e pacientes que precisaram ir para a Unidade de Terapia Intensiva (UTI), além de outros erros metodológicos. Fatos esses que fizeram Raoult responder a um processo disciplinar e admitiu em janeiro de 2021, quase um ano depois, que seu estudo apresentava problemas e o tratamento não reduzia a mortalidade nem o agravamento da doença.

Não obstante, após a publicação de tal estudo, em 19 de março de 2020 Donald Trump passou a defender o tratamento e fez grande pressão para que aprovassem e utilizassem nos EUA. Dois dias após a declaração de Trump, Jair Bolsonaro também se posicionou a favor do tratamento e tal qual o presidente estadunidense, também fez forte pressão para aprovação e uso dos medicamentos no Brasil. Muitos especialistas tanto nos EUA quanto no Brasil ainda tinham dúvida sobre o tratamento e desencorajaram o uso, mas a insistência de Bolsonaro resultou em discussão com Luiz Henrique Mandetta, que na época era Ministro da Saúde, e então na demissão dele em abril de 2020.

Já nos Estados Unidos, em 29 de janeiro Trump anunciava uma força-tarefa liderada por Alex Azar, Secretário de Saúde e Serviços Humanos. O jornal Al Jazeera fez uma cronologia de seus atos durante a pandemia. Sua próxima ação foi o bloqueio da entrada de pessoas que estiveram na China nos últimos 14 dias, não se aplicando aos cidadãos estadunidenses. No início de fevereiro, Alex Azar já declara a COVID-19 como emergência de saúde pública, porém ao final de fevereiro Trump usa seu twitter para comunicar que a situação está totalmente sob controle. No entanto, nesse ponto, Trump já estava enfrentando críticas sobre a administração da resposta ao vírus, que deveria ser muito mais séria e profunda, mas ele parecia muito tranquilo a ponto de criticar o governo anterior, dizendo que Barack Obama não tinha feito nada em relação à gripe suína. Mas não demora muito para que Trump declare

¹⁶ <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2021/05/24/Qual-a-cronologia-cient%C3%ADfica-da-cloroquina-na-pandemia>. Acesso em 19 de out. 2022.

em 13 de março estado de emergência nacional nos EUA, e também fala que o país irá aumentar as testagens mas não recomenda que pessoas assintomáticas façam o teste. Tanto Trump quanto Bolsonaro viram a pandemia chegar e se mostraram muito otimistas com a duração dela, querendo sempre combater o isolamento social, encorajando a volta da economia, indo contra previsões e recomendações da OMS e de especialistas. Ações completamente prejudiciais e que postergaram o início do fim da pandemia e aumentaram os casos e as mortes pela doença. Pouco depois da declaração do estado de emergência nos EUA, Donald Trump publicou em seu twitter o termo “*Chinese virus*” para se referir ao COVID-19, desencadeando uma onda xenofóbica dentro do país.

FIGURA 6 - *PRINT DO TWEET DE TRUMP UTILIZANDO O TERMO “CHINESE VIRUS”*

Donald J. Trump

@realdonaldtrump

The United States will be powerfully supporting those industries, like Airlines and others, that are particularly affected by the Chinese Virus. We will be stronger than ever before!

Mar 16th 2020 - 6:51:54 PM EST · Twitter for iPhone · [View on Twitter](#)

Fonte: <https://www.thetrumparchive.com/>

Esse tweet de Trump não só desencadeou a onda xenofóbica dentro do Twitter, ele foi utilizado como respaldo por muitos para legitimar seu pensamento racista fora das redes sociais. Uma vez que um grande líder se manifestou dessa maneira, a população se sente na liberdade de se posicionar igualmente e em apoio à ele. Essas e outras ações são exemplos de que não é porque a frase veio de um presidente, do maior representante de um país ou da pessoa mais famosa do mundo que ela é correta. A Declaração Universal dos Direitos Humanos busca combater mundialmente certos comportamentos desde 1948 e para ajudar a rastrear e medir os níveis em cada país possuem os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que antes eram Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. As ações de Donald Trump se tornaram a maior inspiração atual de Jair Bolsonaro, trazendo riscos para a população de ambos os países e para a política e democracia construída neles.

Em setembro de 2022 o jornal inglês *The Economist* publicou uma edição com Jair Bolsonaro de capa, seguido do título “O homem que seria Trump: Bolsonaro prepara sua Grande Mentira no Brasil”. O conteúdo da matéria de capa trata das eleições de outubro de 2022 em que Bolsonaro é candidato à reeleição e não aceita que todas as pesquisas eleitorais apontem que ele vai perder, somente se as eleições forem limpas e transparentes. Algo que não será problema para o sistema eleitoral brasileiro e para as urnas eletrônicas, segundo o próprio Tribunal Superior Eleitoral¹⁷ que afirma que o Brasil possui um dos mais avançados sistemas de votação do planeta, símbolo de lisura e segurança. No entanto, Bolsonaro não aceita o resultado das enquetes e diz que elas estão erradas e que ele irá vencer, sendo essas as mesmas enquetes que previam sua vitória em 2018. A matéria compara a Grande Mentira de Trump, que quando perdeu as eleições contou aos seus apoiadores que eles tinham sido roubados à essa reação de Bolsonaro às pesquisas eleitorais e teme que seus apoiadores ajam igual aos de Trump na invasão do Capitólio em janeiro de 2021, ou pior. Ou seja, a matéria está analisando e comparando ações e estratégias utilizadas por Trump, agora sendo utilizadas por Bolsonaro e prevê que o Brasil fique ainda mais dividido.

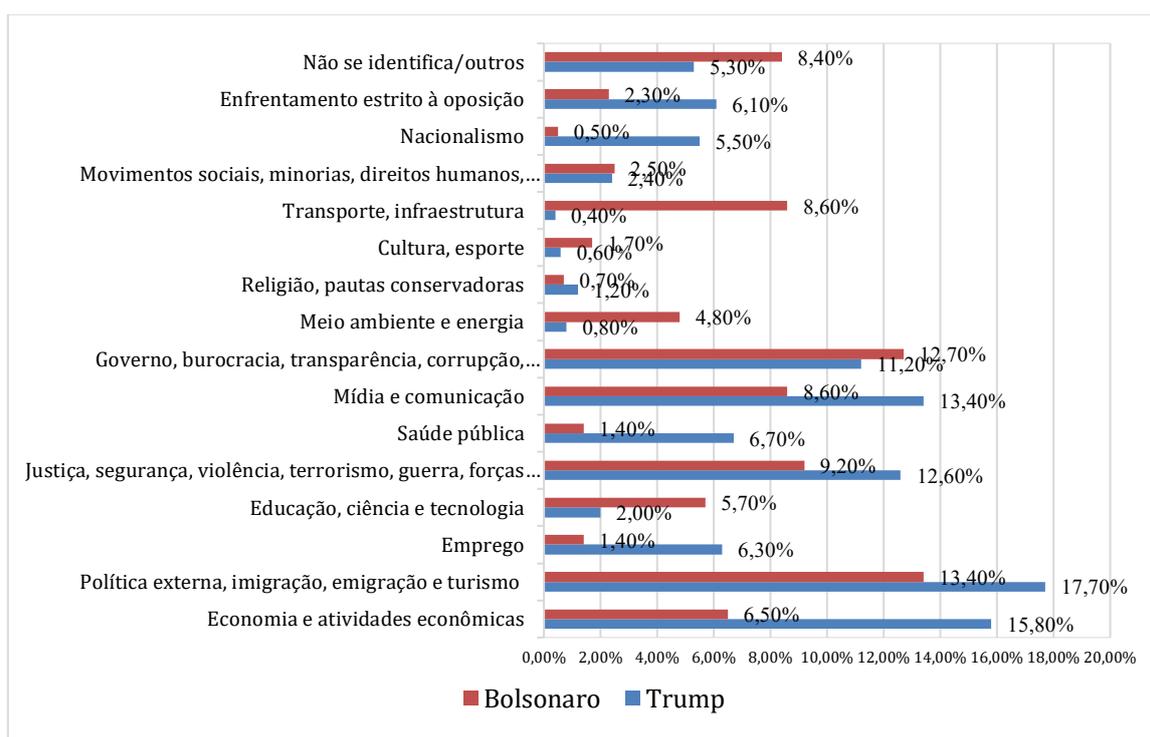
Portanto, diante do apresentado, compreendemos a base do populismo 2.0 tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil e de que maneira ele foi efetivado nesses países por seus líderes em seus respectivos mandatos e apoiadores, dentro das redes sociais. Foram expostas também as primeiras ações tomadas em relação ao COVID-19 em ambos os países. Diante disso, no próximo capítulo, de análise empírica, realizo a comparação de alguns pontos e categorias semelhantes entre Brasil e Estados Unidos durante os governos Trump e Bolsonaro durante a pandemia do COVID-19. Mais especificamente utilizarei o Twitter desses líderes para entender a repercussão e consequências de suas falas dentro e fora das redes sociais.

¹⁷ <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Octubro/em-todo-mundo-35-paises-utilizam-sistema-eletronico-de-votacao>. Acesso em 18 de out. de 2022.

3. ANÁLISE DE CONTEÚDO E COMPARAÇÃO DE MÍDIAS SOCIAIS DE DONALD TRUMP E JAIR BOLSONARO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Antes de entrarmos especificamente no recorte temporal deste trabalho, entendo ser necessário a apresentação de alguns pontos da pré-campanha e início dos governos de Trump e Bolsonaro. Na pesquisa de Almeida *et al.* (2020) é realizada uma comparação do Twitter pessoal de Trump e Bolsonaro durante os 100 primeiros dias de seus governos, ou seja, Trump em 2017 e Bolsonaro em 2019. São comparados diversos pontos e há, especificamente, uma semelhança e aproximação na questão da temática dos tweets das contas @realDonaldTrump e @jairbolsonaro.

GRÁFICO 1 - TEMÁTICA DO TWEET, @JAIRBOLSONARO (2019) E @REALDONALDTRUMP (2017), 100 PRIMEIROS DIAS DE GOVERNO.



Fonte: ALMEIDA, Helga *et al.*, 2020, p. 11

A temática de “política externa, imigração, emigração e turismo” é a maior em ambas as contas e “justiça, segurança, violência, terrorismo, guerra, forças armadas, militares, CIA, NSA, FBI e polícia” também aparece bastante. A presença desses temas sugere preocupação com o território nacional, no entanto, também denota preconceito racial, uma vez que políticas

e ações eugenistas continuam arraigadas em sociedades por séculos. Além disso, dentro dessa temática envolvendo a política externa e imigração, há “por um lado, tweets de defesa da soberania nacional, defesa das fronteiras e controle rígido da imigração. Por outro, há a demarcação de parcerias com a publicização de visitas diplomáticas e convênios para cooperação” (ALMEIDA *et al.*, 2020, p. 11). Isso demonstra certa ambiguidade, mas também demarca “bem a lógica nós *versus* eles, aqueles que são amigos e aqueles que são inimigos, mapeando inimigos externos a serem combatidos (*idem*)”. Ainda segundo o artigo de Almeida *et al.* os principais inimigos marcados por Bolsonaro são os governos anteriores, os partidos PSOL e PT e a mídia/imprensa.

Se o populismo sempre teve como característica o antagonismo entre povo e elites (LACLAU, 2005), Engesser *et al.* (2017) ressaltam como, nessa nova emergência do populismo de direita, líderes e movimentos podem ser afeitos ao ataque às instituições supranacionais, aos meios de comunicação e aos tribunais (GERBAUDO, 2014), mobilizando um discurso antisistêmico que antes era creditado apenas à esquerda (ALMEIDA *et al.*, 2020, p. 16).

A campanha eleitoral de Trump foi baseada em discurso nacionalista e conservador a fim de “fazer a América grande novamente”, ou originalmente no inglês “*Make America Great Again*”. Uma de suas maiores promessas foi o muro na fronteira com o México – que não foi cumprida – para conter a imigração indocumentada, mas também se estendeu para a imigração documentada¹⁸, ou seja, de toda forma, seu governo limitou a entrada de imigrantes nos EUA. Uma ação que também dá a percepção eugenista e preconceituosa foi uma tomada logo que Trump assumiu o cargo de presidente banindo a entrada de refugiados sírios e vetando o ingresso de pessoas de sete países de predominância muçulmana. Abaixo um tweet de Trump que afirma estar cumprindo suas promessas, principalmente na fronteira, que recebeu 14 mil retweets e 81 mil curtidas. Essa grande reação ao tweet de Trump pode vir de apoiadores ou não, já que existe a opção de retuitar com um comentário, logo as pessoas podem fazer isso com uma crítica ao suposto progresso.

FIGURA 7 - PRINT DO TWEET DE TRUMP SOBRE SUAS PROMESSAS ELEITORAIS

¹⁸ <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45495044>. Acesso em 06 de nov, de 2021.

Donald J. Trump

@realdonaldtrump

One by one we are keeping our promises - on the border, on energy, on jobs, on regulations. Big changes are happening!

Apr 12th 2017 - 7:10:37 PM EST · Twitter for iPhone · [View on Twitter](#)

Fonte: <https://www.thetrumparchive.com/>

Dessa maneira, sabendo do alinhamento de Bolsonaro ao pensamento de Trump, ideias parecidas foram reproduzidas durante suas campanhas e 100 primeiros dias de governo e continuam se repetindo, mesmo após o fim do governo de Donald Trump. Com as notícias do COVID-19 chegando ao mundo todo e os casos aumentando, a resposta de Trump foi ignorar o vírus e desprezar futuras consequências. Igualmente, no Brasil, Bolsonaro também seguiu a mesma linha de pensamento e ações. Segundo notícia do *The Conversation* entre 16 e 30 de março de 2020 Trump usou a expressão “*Chinese virus*” (em português: vírus chinês) mais de 20 vezes, e no Brasil, Bolsonaro chamava a COVID-19 de “gripezinha” em março de 2020 e ainda em janeiro de 2021.

Quanto aos recursos ou *affordances*¹⁹ utilizadas por Trump e Bolsonaro, o segundo utilizou muito mais das opções dispostas do que Trump para poder atingir mais pessoas e de várias maneiras. Com *retweets*, fotos, vídeos e emojis, Bolsonaro conseguiu certa proximidade com incumbentes e eleitorado (ALMEIDA *et al.*, 2020). No entanto, no mesmo caminho de Trump, utilizando informações falsas, Bolsonaro publica tweets sobre tratamento não recomendado pela OMS ou sem comprovação nenhuma de eficácia para o COVID-19. Dois tweets da sua conta dizendo à população para usar os medicamentos Cloroquina e Hidroxicloroquina foram removidos, e, no Facebook, um vídeo com o mesmo teor foi tirado do ar²⁰.

Levando em consideração que a conta do Twitter de Trump foi suspensa em janeiro de 2021, irei comparar a gestão de pandemia dele e de Bolsonaro a partir de janeiro de 2020 até

¹⁹ As *affordances* são as diversas maneiras de um *tweet*, ou seja, os recursos que podem ser utilizados, podendo ele ser ou conter texto, foto, vídeo, *retweet*, emojis, links, notícia de grande mídia ou mídia amadora, *hashtag* ou a mistura de várias dessas opções juntas em um único *tweet*.

²⁰ <https://www.theverge.com/2020/3/30/21199845/twitter-tweets-brazil-venezuela-presidents-covid-19-coronavirus-jair-bolsonaro-maduro>. Acesso em 23 de out. de 2022.

janeiro de 2021. Segundo o site do Butantan²¹, o vírus surgiu em dezembro de 2019, no entanto, ainda era desconhecido tanto no Brasil quanto nos EUA, por isso os presidentes ainda não haviam emitido opinião ou feito movimentações sobre. Mas a notícia e o perigo se espalham e logo em janeiro de 2020 o mundo todo já escutava sobre os riscos, e em março a OMS declara pandemia.

Além disso, como entre 8 de janeiro de 2020 e 8 de janeiro de 2021 as atividades de ambos somam milhares de tweets, irei selecionar e expor alguns que foram principais desencadeadores do *Stop Asian Hate*, em seguida irei apresentar também outras consequências, dentro e fora das mídias. Consequências essas que serão indicadas pela imprensa, uma vez que boa parte das publicações foram removidas ou ocultadas das redes por serem falsas ou serem prejudiciais. Outrossim, em concordância com Ferreira e Almeida (2021, p. 160), compreendo que as “ações políticas da atualidade estão sendo fundamentalmente afetadas pelas mídias sociais”.

Antes de tuitar a expressão xenofóbica “*chinese virus*” em março de 2020, Trump já tinha conhecimento do nome Coronavírus e COVID-19, pois em 24 de janeiro de 2020 ele tuitou elogiando o esforço da China e elogiando o presidente Xi Jinping.

FIGURA 8 - *PRINT DO TWEET DE TRUMP ELOGIANDO OS ESFORÇOS DA CHINA*

Donald J. Trump

@realdonaldtrump

China has been working very hard to contain the Coronavirus. The United States greatly appreciates their efforts and transparency. It will all work out well. In particular, on behalf of the American People, I want to thank President Xi!

Jan 24th 2020 - 4:18:15 PM EST · Twitter for iPhone · [View on Twitter](#)

Fonte: <https://www.thetrumparchive.com/>

A decisão de posteriormente utilizar outro termo para se referir à COVID-19 foi de completa responsabilidade de Trump e as consequências foram grandes. Segundo pesquisa²² da

²¹ <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/como-surgiu-o-novo-coronavirus-conheca-as-teorias-mais-aceitas-sobre-sua-origem>. Acesso em 23 de out. de 2022.

²² <https://www.ucsf.edu/news/2021/03/420081/trumps-chinese-virus-tweet-linked-rise-anti-asian-hashtags-twitter>. Acesso em 08 de nov de 2021.

University of California (UCSF) na semana seguinte em que Donald Trump tuitou sobre o “vírus chinês” o número de tweets sobre a COVID-19 relacionado a hashtags racistas e anti-asiáticos cresceu assustadoramente. O *tweet* foi postado no dia 16 de março e a pesquisa analisou cerca de 700 mil tweets com quase 1,3 milhões de hashtags racistas e xenofóbicas, felizmente também o tweet de Trump foi excluído. O estudo mostrou a importância de se usar uma linguagem neutra quando se refere a doenças ou outras coisas relacionadas a saúde pública, já que quem usava a hashtag #chinesevirus estava mais propenso a combinar com outras hashtags racistas e quem usava a #covid19, nome oficial adotado pela Organização Mundial da Saúde, estava longe de combinar com termos racistas. Os pesquisadores escolheram analisar as hashtags pois elas têm se mostrado como uma formação de grupos de ódio e a ocorrência de crimes, e manualmente eles separaram as hashtags conforme demonstravam algum tipo de sentimento anti-asiático. Os resultados mostraram uma grande diferença entre os tipos de hashtags que estavam junto a #covid19 e #chinesevirus. Cerca de 20% das outras 500 mil hashtags tuitadas junto com #covid19 mostraram sentimento anti-asiático, porém o preconceito era aparente na metade de mais de 775 mil hashtags tuitadas junto a #chinesevirus. Coerentemente, em 8 de janeiro de 2021, o Twitter suspendeu permanentemente a conta de Donald Trump, que tenta na justiça a reabertura de sua conta.

O *Stop Asian Hate* data de início em março de 2021, por volta de um ano após o surgimento do COVID-19. As manifestações iniciaram após alguns episódios que não foram os únicos desde o início da pandemia, mas que desencadearam tal reação. Tais episódios foram a morte de Vicha Ratanapakdee²³, imigrante tailandesa de 84 anos, e o ataque a um Spa em Atlanta, que resultou na morte de 6 pessoas. Após esses acontecimentos aconteceram uma série de manifestações nas ruas de várias cidades dos Estados Unidos, e também no Canadá, Holanda e Taiwan. No entanto, apesar das manifestações terem acontecido após um ano do início da pandemia, já compreendemos no primeiro capítulo que o preconceito contra essa comunidade não surgiu há pouco tempo nem nos EUA nem no Brasil. Antes do *Stop Asian Hate* surgiu o *Stop Asian American Pacific and Islanders (AAPI) Hate* em março de 2020 em resposta à escalada alarmante de xenofobia e intolerância resultantes da COVID-19. O grupo surgiu com a coalizão da *AAPI Equity Alliance*, *Chinese for Affirmative Action (CAA)*, e do *Asian American Studies Department of San Francisco State University*, sob a orientação de Manjusha P. Kulkarni, Diretora Executiva da *AAPI Equity Alliance*, Cynthia Choi, Diretora Co-Executiva

²³ <https://edition.cnn.com/2021/02/16/us/san-francisco-vicha-ratanapakdee-asian-american-attacks/index.html>. Acesso em 23 de out. 2022.

da CAA e da professora Russell Jeung da *San Francisco State University*. O *Stop AAPI Hate* produziu um relatório²⁴ com dados de 19 de março de 2020 até 28 de fevereiro de 2021 e nesse período de tempo a organização recebeu 3795 denúncias de incidentes de ódio. As três maiores ocorrências foram assédio verbal, o evitamento – quando evita-se aproximação de uma pessoa asiática – e agressão física, com 68,1%, 20,5% e 11,1% respectivamente. Ainda atualmente a página do *Stop Asian Hate* no Instagram possui mais de 70 mil seguidores. E não é por menos, já que segundo Ferreira e Almeida “discussões políticas, bem como a convocação e organização para ações de protestos, têm passado, muitas vezes, pela internet e, principalmente, pelas mídias sociais, tais como *Facebook*, *Twitter*, *WhatsApp*, entre outras (2021, p. 159)”. As pessoas seguem aquilo pelo qual têm interesse e gostariam de continuar acompanhando, sabendo dos próximos movimentos e notícias.

Constantemente, nos EUA no início da pandemia Trump dizia que a situação em relação à COVID-19 estava sob controle e no Brasil, Jair Bolsonaro considerou a crise do COVID-19 uma histeria, segundo notícia do *El País*²⁵.

Desta maneira, a crise que o mundo enfrenta com a pandemia de COVID-19 também tem colocado à prova a liderança política em diferentes governos. Alguns presidentes estão emergindo como líderes fortes e unificadores, enquanto outros têm se mostrado inábeis e pouco comprometidos com o enfrentamento da crise com base em critérios e recomendações em correspondência com o que tem sido defendido pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Esse é o caso do Brasil. (SANTANA; NASCIMENTO, 2021, p. 12).

Além disso, o presidente chamou a doença de “gripezinha”. Após esse episódio, Bolsonaro postou em seu Twitter que reconhecia a seriedade do momento, pediu que as pessoas seguissem as recomendações de saúde e também compartilhou as suas ações de combate à pandemia, tudo isso em uma sequência de tweets, também chamada de *Thread* ou Fio.

FIGURA 9 - PRINT DA *THREAD* DE BOLSONARO SOBRE A PANDEMIA, SUAS AÇÕES GOVERNAMENTAIS E RECOMENDAÇÕES PARA A POPULAÇÃO

²⁴ <https://stopaapihate.org/wp-content/uploads/2021/05/Stop-AAPI-Hate-Report-National-210316.pdf>. Acesso em 23 de out. de 2022.

²⁵ <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-17/bolsonaro-insiste-que-crise-do-coronavirus-e-histeria-e-ex-aliados-sugerem-seu-afastamento.html>. Acesso em 23 de out. de 2022.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1241489803130085376>. Acesso em 23 de out. de 2022.

No Brasil, iniciaram-se algumas manifestações online ainda em fevereiro de 2020 e a atriz Ana Hikari foi uma das maiores contribuidoras. Logo em fevereiro de 2020 a atriz postou uma foto no Instagram de seu corpo com uma escrita digital “eu não sou um vírus” inspirada no músico Putochinomarción (Chenta Tsai Tseng) que havia desfilado na Mercedes-Benz Fashion Week Madrid e se manifestado durante sua aparição com a mesma frase escrita em seu corpo mas em inglês. A atriz fez a publicação em modo carrossel – em que se pode compartilhar

10 fotos juntas na mesma publicação, como se fosse um álbum – contendo sua própria foto, a de Chenta Tsai, seguida de outros asiáticos brasileiros com a mesma frase. Em outras publicações Ana Hikari também se posicionou a favor das manifestações do *Black Lives Matter*, já esperado dela, uma vez que o Perigo Amarelo²⁶ se solidariza com outros movimentos antirracistas.

Nos EUA, em outubro de 2020 Trump teve uma publicação excluída de seu Facebook e ocultada no Twitter por espalhar informações enganosas e potencialmente prejudiciais em relação ao COVID-19. Segundo notícia da Veja²⁷, ele publicou este tweet após ter alta do hospital afirmando que a doença era menos letal que a gripe. Outro tweet de Trump que foi ocultado foi publicado em 11 de outubro de 2020, em que ele afirmava ser imune à COVID-19.

FIGURA 10 - *PRINT DO TWEET DE TRUMP SOBRE A COVID-19 E A GRIPE*

Donald J. Trump

@realdonaldtrump

Flu season is coming up! Many people every year, sometimes over 100,000, and despite the Vaccine, die from the Flu. Are we going to close down our Country? No, we have learned to live with it, just like we are learning to live with Covid, in most populations far less lethal!!!

Oct 6th 2020 - 8:03:40 AM EST · Twitter for iPhone · [View on Twitter](#)

Fonte: <https://www.thetrumparchive.com/>

FIGURA 11 - *PRINT DO TWEET DE TRUMP APÓS RECEBER ALTA DA COVID-19*

²⁶ Em 2015, a página Perigo Amarelo foi criada no Facebook com o objetivo de lutar “contra o racismo institucionalizado e internalizado, dentro e fora das nossas comunidades; pela descolonização e pelo feminismo interseccional”. Outrossim, tendo em vista toda a construção de estereótipos sobre o asiático brasileiro, um desses denominado mito da minoria modelo, surge essa militância asiática brasileira formada por pessoas brasileiras da diáspora e que têm ascendência asiática. Essa militância busca desconstruir muitos estereótipos além de apoiar a luta de outras militâncias como a negra.

²⁷ <https://veja.abril.com.br/mundo/trump-e-advertido-por-twitter-e-facebook-por-menosprezar-covid-19/>. Acesso em 23 de out. de 2022.

Donald J. Trump

@realdonaldtrump

A total and complete sign off from White House Doctors yesterday. That means I can't get it (immune), and can't give it. Very nice to know!!!

Oct 11th 2020 - 11:39:23 AM EST · Twitter for iPhone · [View on Twitter](#)

Fonte: <https://www.thetrumparchive.com/>

Dentro e fora das redes sociais, Bolsonaro e Trump se demonstrando pouco ou nada preocupados com a pandemia, nada solidarizados com as vítimas e as famílias em luto e visivelmente contra a ciência. Seja divulgando notícias falsas ou agindo indiferentes à situação. Em estudo sobre os governos e o enfrentamento da pandemia, publicado pela Editora da Universidade Federal de Alagoas, foram compiladas algumas falas de Bolsonaro durante o ano de 2020 que não condizem com a atitude que um líder deveria ter diante da situação mundial. Além disso, também reuniram algumas ações do presidente que iam contra o isolamento social e contra as recomendações de saúde que ele pediu que todos seguissem com serenidade em seu Twitter.

QUADRO 2 - FALAS DE BOLSONARO AO LONGO DA PANDEMIA

Situação Brasil	Data (2020)	Fala do Presidente
25 casos	09/03	“Tem a questão do coronavírus também que, no meu entender, está superdimensionado o poder destruidor desse vírus”.
291 casos 1ª morte	17/03	“Esse vírus trouxe uma certa histeria. Tem alguns governadores, no meu entender, posso até estar errado, que estão tomando medidas que vão prejudicar e muito a nossa economia”.
2.201 casos 46 mortes	24/03	“Pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar. Nada sentiria. Seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão”.
3417 casos 92 mortes	27/03	“Não pode ser um jogo de números para favorecer interesses políticos. Não estou acreditando nesses números em São Paulo”.

4256 casos 136 mortes	29/03	“O vírus tá aí, vamos ter de enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, pô, não como moleque. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida, todos nós vamos morrer um dia”.
6840 casos 241 mortes	01/04	“O vírus é igual a uma chuva. Ela vem e você vai se molhar, mas não vai morrer afogado”.
22169 casos 1223 mortes	12/04	“Quarenta dias depois, parece que está começando a ir embora a questão do vírus”.
40581 casos 2575 mortes	20/04	“Ô, ô, ô, cara. Eu não sou coveiro, tá?”.
71886 casos 5017 mortes	28/04	“E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”.
145328 casos 9897 mortes	08/05	“Tem 1.300 convidados, mas quem tiver amanhã aqui, se tiver mil, a gente bota para dentro. Vai dar mais ou menos 3 mil pessoas no churrasco...”
291579 casos 18859 mortes	20/05	“Quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda, Tubaína”.
555.383 casos 31.199 mortes	02/06	“A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo”.
772.416 casos 39.680 mortes	10/06	“Se quiser falar, sai daqui, porque já foi ouvida. Cobre do seu governador. Sai daqui”.
2.099.896 casos 79.533 mortes	19/07	“Demos azar com essa pandemia, mas vamos sair dessa”.
2610.102 casos 91.263 mortes	30/07	“Depois de 20 dias dentro de casa, a gente pega outros problemas. Eu peguei mofo, mofo no pulmão”.
2.662.485 casos 92.475 mortes	31/07	“Eu estou no grupo de risco. Agora, eu nunca negligenciei. Eu sabia que um dia ia pegar. Infelizmente, acho que quase todos vocês vão pegar um dia. Tem medo do quê? Enfrenta! (...) Lamento. Lamento as mortes. Morre gente todos os dias de uma série de causas. É a vida, é a vida.”...
2.912.212 casos	06/08	“A gente lamenta todas as mortes, vamos chegar a 100 mil, mas vamos tocar a vida e se

98.493 mortes.		safar desse problema.” “Quem não quer tomar cloroquina, não tente proibir, impedir quem queira tomar, afinal de contas, ainda não temos uma vacina e não temos um remédio comprovado cientificamente”.
----------------	--	--

Fonte: SANTANA; PEREZ; NASCIMENTO, 2021, p. 17-19.

QUADRO 3 - QUADRO SOBRE DESCUMPRIMENTO DE REGRAS DE ISOLAMENTO

Data	Fatos ocorridos em 2020
15/03	Dois dias após a primeira recomendação de isolamento social no Brasil, o presidente participou de uma manifestação organizada por apoiadores em Brasília.
16/03	O presidente Jair Bolsonaro descumpriu a orientação de ficar em quarentena após ter contato com uma pessoa infectada pelo novo coronavírus e deixou o Palácio da Alvorada.
17/03	O presidente voltou a criticar a “histeria” em torno da pandemia que já atingia vários países no mundo, afirmando que seu aniversário de 65 anos - dali a poucos dias - contaria com uma “festinha tradicional”.
22/03	Bolsonaro afirmou que o número de mortes pela Covid-19 não ultrapassaria a quantidade de vítimas da epidemia de H1N1, que, segundo ele, causou 800 mortes.
29/03	O presidente Jair Bolsonaro visitou um churrasquinho em uma praça de Taguatinga. O vídeo do momento, publicado no Twitter do presidente, mostra o chefe do Executivo, em meio à pandemia do novo coronavírus, conversando com o vendedor de espetinhos e com pessoas que se aglomeraram em volta dos dois.
31/03	Bolsonaro causou aglomerações nas ruas e em um supermercado após um tour por bairros de Brasília. em máscara e cercado por uma equipe, o presidente apertou a mão de trabalhadores e tirou fotos abraçado com algumas pessoas.
09/04	Bolsonaro foi fotografado comendo pão doce e uma padaria. Um vídeo do passeio foi publicado em sua página pelo próprio filho, Eduardo Bolsonaro.
10/04	O presidente foi flagrado em meio à multidão, esfregando o nariz e, em seguida, dando a mão a uma mulher idosa. O gesto foi registrado em vídeo.
18/04	O presidente Jair Bolsonaro ignorou mais uma vez as recomendações de distanciamento social por conta do novo coronavírus e fez um novo passeio por Brasília.
19/04	O presidente Jair Bolsonaro voltou a desrespeitar recomendações das autoridades sanitárias e participou de uma manifestação em frente ao Quartel-General do Exército, em Brasília.

29/04	Contrariando as recomendações da Saúde, Bolsonaro recebe o empresário e dono da Havan com um abraço e sem o uso da máscara cirúrgica.
02/05	Em uma viagem fora da agenda, o presidente cumprimentou com apertos de mãos e abraços dezenas de pessoas, entre as quais idosos e crianças. Além disso, o presidente voltou a criticar as medidas de isolamento.
09/05	O presidente Jair Bolsonaro deixou o Palácio do Alvorada, em Brasília, e passou em uma moto aquática pelo Lago Paranoá. Bolsonaro pilotou acompanhado de um segurança, ambos sem máscara.
23/05	Bolsonaro voltou a passear pelas ruas de Brasília, quando parou para comer um cachorro-quente e cumprimentar apoiadores.
24/05	Sem máscara ou qualquer equipamento de proteção individual, o presidente Jair Bolsonaro participou de um ato de apoio ao seu governo no centro de Brasília e chegou a pegar duas crianças no colo.
30/05	Após visitar uma instalação do exército no interior de Goiás, o presidente e sua equipe foram fotografados em um restaurante da capital.
31/05	Bolsonaro participou de um churrasco com convidado no sítio do cantor Amado Batista. O presidente Jair Bolsonaro compartilhou um vídeo em uma rede social em que aparece passeando a cavalo e acenando a apoiadores. O presidente não usava máscara.
06/06	Bolsonaro acompanhou uma blitz da Polícia Rodoviária Federal ao lado do pastor Silas Malafaia e alguns ministros. Mais uma vez sem máscara, o presidente não comentou perguntas de jornalistas que indagaram sobre as mais de 35 mil mortes causadas pela Covid-19 até aquela data.
08/06	O presidente recebeu militantes na porta do Palácio da Alvorada, criticou a imprensa, mas evitou comentar protestos.
23/06	A Justiça Federal no Distrito Federal determinou que o presidente tem que usar máscara em todos os espaços públicos. O presidente provocou uma aglomeração na cidade de Araguari, em Minas Gerais, onde tirou o equipamento de proteção individual para cumprimentar de longe um grupo de apoiadores que o aguardava.
04/07	O presidente sobrevoa Santa Catarina após estragos causados pela passagem de um ciclone-bomba. Em Florianópolis, distribuiu apertos de mãos. Bolsonaro participou de um churrasco em comemoração ao dia da independência dos Estados Unidos na casa do embaixador norte-americano no Brasil. O presidente publicou fotos do evento em suas redes.
07/07	Bolsonaro anunciou a infecção pela Covid-19. Mesmo adoecido pelo vírus, o presidente voltou a minimizar a doença, inclusive retirando a máscara de proteção durante o pronunciamento à imprensa.
18/07	Bolsonaro publicou um vídeo em suas redes sociais alimentando emas na

	residência oficial. Ele chegou a colocar a máscara no queixo enquanto falava à câmara, manuseada por um cinegrafista.
19/07	Diagnosticado com a covid-19, o presidente Jair Bolsonaro saiu à frente do Palácio da Alvorada para a cerimônia de hasteamento da bandeira nacional. O presidente baixou a máscara para falar com apoiadores.
23/07	O presidente Jair Bolsonaro foi fotografado passeando de moto na área externa do Palácio da Alvorada. No caminho, parou para conversar com garis, sem usar máscara de proteção.
30/07	Em sua primeira viagem após se recuperar da Covid-19, o presidente Jair Bolsonaro tirou a máscara de proteção e se juntou a uma aglomeração de apoiadores.
31/07	O presidente da República participou do lançamento de um condomínio popular construído com recursos federais, em Bagé, na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul. Ele ficou sem máscara para tirar fotos com crianças, abraçou apoiadores, cumprimentou pessoas, além de provocar aglomeração.
02/08	O presidente Jair Bolsonaro saiu do Palácio da Alvorada para um passeio de moto e não usava máscara.

Fonte: SANTANA; PEREZ; NASCIMENTO, 2021, p. 20-21.

Durante o período da pandemia quem se pronunciou e abriu portas para o crescimento do preconceito contra amarelos foi Donald Trump. Bolsonaro não possui fala específica sobre o assunto durante a pandemia, no entanto, compreendendo o padrão que Bolsonaro já apresentou em outros momentos, de seguir as atitudes de Trump podemos inferir que seu pensamento não é diferente. Apesar de Bolsonaro não ter falas durante o período, seus aliados possuem²⁸. Em abril de 2020 Ernesto Araújo, Ex-Ministro das Relações Exteriores, nomeia o vírus de “comunavírus” e disse que a doença era o primeiro passo para um plano globalista em direção ao comunismo e segundo ele a Organização Mundial da Saúde (OMS) estaria à frente deste plano. Além disso, o que contribui para essa suposição são algumas ações fora do período de análise do trabalho. Em uma live no Facebook em 10 de outubro de 2019, Bolsonaro puxou as pálpebras para fazer alusão ao formato dos olhos de pessoas com características fenotípicas amarelas. Na live ele estava com o deputado Hélio Lopes e iriam viajar para a China, Bolsonaro comentou que caso desse algum problema era só puxar o olho para se misturar na multidão. Em fevereiro de 2020 em conversa com a imprensa, Bolsonaro diz a seguinte frase:

²⁸ <https://oglobo.globo.com/mundo/covid-19-ernesto-araujo-denuncia-comunavirus-ataca-oms-24387155>. Acesso em 27 de out. de 2022.

Eu estou dizendo que o povo japonês é uma raça superior e nós, todo o resto, somos inferiores. Daqui a pouco alguém vai entrar no Supremo com uma ação de racismo reverso. Já imaginou ser condenado por racismo reverso? Você não pode falar mais nada, poxa.

Tal frase só reforça o Mito da Minoria Modelo, incentivando a rotulação de pessoas amarelas em uma descrição que não cabe à elas e que não se deve esperar que pessoas amarelas atendam isso. Um trecho da fala de Bolsonaro está disponível em vídeo no Twitter do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), mostrado na figura 12. Em outro momento, Bolsonaro, em 16 de janeiro de 2020, foi questionado sobre uma passagem do livro "Tormenta" da jornalista Thaís Oyama que fala sobre o seu primeiro ano de governo. O presidente respondeu a seguinte frase: "Esse é o livro dessa japonesa, que eu não sei o que faz no Brasil, que faz agora contra o governo". Tal frase contradiz até sua crença em uma raça superior como ele mesmo diria no mês seguinte para a imprensa.

FIGURA 12 - *PRINT DO TWEET DO PSOL COM VÍDEO DO DISCURSO DE BOLSONARO*



Fonte: <https://twitter.com/psol50/status/1225947351811907585>. Acesso em 26 de out. de 2022.

Segundo matéria do GZH Política²⁹, desde que Bolsonaro foi eleito, teve ao menos 5 declarações ou condutas ofensivas em relação à comunidade japonesa e seus descendentes, e também, aos amarelos brasileiros de outra origem. Portanto, por essa série de ações passadas de Bolsonaro e pela ação de seu aliado Ernesto Araújo, infere-se que seu pensamento não tenha mudado durante o período de análise deste trabalho.

²⁹ <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2020/01/ofensa-a-japoneses-amplia-rol-de-falas-preconceituosas-de-bolsonaro-contr-grupos-ck5v9y1qs00q001nwc4xnh9mv.html>. Acesso em 26 de out. de 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, foi apresentada a história da imigração japonesa para o Brasil e para os Estados Unidos no intuito de compreendermos como surge o preconceito contra essas pessoas e de países vizinhos que são fenotipicamente similares, como a China e as Coreias. Chegamos ao entendimento de que em um mundo ainda majoritariamente dominado pelo norte global, seguirá as regras ditadas desde sempre por eles mesmos, homens, brancos, heteronormativos e que não carregam nenhuma suposição em seu corpo, sua fisionomia, uma vez que ditaram esse ser o padrão. No entanto, àquele que difere dessas características também foge do padrão e é colocado em um rótulo, em outro modelo, que pode variar de acordo com o contexto em que estão inseridos. A pessoa amarela foi vista como indesejada e suja em certos momentos, e em outros como dócil, ou também vista como inteligente, sendo várias visões incorretas sobre uma pessoa que difere apenas em aparência e nada mais de qualquer outro ser humano. Logo, a depender do contexto, a tendência é que o padrão volte a tentar se reafirmar por se sentir ameaçado, por não ter certeza do futuro e por desejar sempre culpar sempre o outro.

Se o que foi plantado lá no início da imigração sobre os pioneiros ainda repercute em seus descendentes, após várias gerações, não pode ser diferente no que concerne a tentativa de (re)emissão de opiniões em novos tempos e de tecnologias avançadas. Voltar ao quesito de culpar um único país ou pessoas asiáticas apenas pela coincidência de uma doença listar seus primeiros casos na China não deveria ter tido tanta importância na mente e na vida do presidente dos Estados Unidos ou do Brasil. Em tempos do avanço da tecnologia, o uso dela sempre foi fundamental para uma boa comunicação, principalmente do meio político. E agora, com as redes sociais, se tornaram o principal meio de acesso e difusão de informações utilizado por todos, que, no entanto, a avaliação da veracidade das informações contidas nela não caminharam tão rápido quanto o compartilhamento de tais. Sabendo disso, a estratégia de Trump e Bolsonaro seguiu o caminho de sempre transmitirem aquilo que eles mesmos entendem por verdade, não existindo nenhuma outra, nem mesmo especialistas, levando a governos recheados de *fake news* e desinformações, e foi utilizando exatamente essa ferramenta que chegaram ao poder.

Portanto, compreendemos que as redes sociais podem ser extremamente úteis para aqueles que se utilizam de estratégias. A maior delas foi a constante comunicação com seus aliados, sempre atualizando-os. Essa constante comunicação dá a impressão de maior proximidade do leitor com o autor, pelo simples fato de sempre estarem alimentados e sempre por dentro de tudo. Tudo isso contribuiu para que, diante de um contexto relacionado à saúde

mundial, a aparência das pessoas amarelas se tornasse um problema. Para a pessoa amarela, o medo ininterrupto de ser vítima de algum tipo de violência, seja física ou verbal, provocando consequências na saúde mental da comunidade. Para a pessoa preconceituosa e xenofóbica, o constante medo de se aproximar de outro ser humano, julgando com argumentos sem fundamento nenhum.

Logo, após a análise, a comparação e compreensão dos dados apresentados, concluo que, além das falas e atos dos presidentes Jair Bolsonaro e Donald Trump, mas principalmente a falta de uma ação em combate ao preconceito amarelo somaram e culminou para o desencadeamento do *Stop Asian Hate*. A falta de ação e posicionamento também diz muito sobre como algo está sendo feito e o “não fazer nada” é fazer algo. Reflete que o governo de ambos os analisados não se importaram em buscar mais conhecimento sobre o preconceito amarelo e sobre o que suas falas propagaram em toda a população do Brasil e dos Estados Unidos, e também no mundo. O acesso à informação está na mão das pessoas atualmente e bastava digitar em seus celulares e ler notícias, livros ou *tweets* criticando seus governos, sem receber a crítica de forma negativa, reconhecendo seus erros e procurando mudar a estratégia de governo, se pronunciar sobre e fazer algum esforço para mudar pensamentos racistas e xenofóbicos. Era assim que a democracia deveria funcionar, no Brasil e nos EUA, entretanto com governos de extrema direita ela fica ameaçada com tamanha insistência de seus presidentes em governar para a maioria, deixando as minorias de lado, completamente desprezadas, dando a impressão que essas pessoas quem devem se adaptar para viver em acordo com a maioria – o que não é correto e nem é necessário que aconteça. Portanto, a falta de uma ação que pudesse retificar o *tweet* de Trump utilizando o termo “*chinese virus*” foi o que alimentou ainda mais o sentimento anti-asiático nos Estados Unidos e no resto do mundo, incluindo o Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHRENS, J. M. Linha dura de Trump dificulta negociação para reabrir a Administração dos EUA. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/20/internacional/1516475766_529406.html>. Acesso em: 6 nov. 2021.

ALMEIDA, Helga; ABELIN, Pedro; BACCARIN, Matheus; FERREIRA, Maria A. S.. **Twittocracia e o populismo de direita: uma análise comparativa entre o caso norte-americano e o brasileiro.** 12º Encontro da ABCP, 2020. Disponível em: <<https://cienciapolitica.org.br/web/system/files/documentos/eventos/2021/01/twittocracia-e-populismo-direita-analise-comparativa-entre.pdf>>. Acesso em: 14 de setembro de 2021.

AL Jazeera. A timeline of the Trump administration's coronavirus actions. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2020/4/23/a-timeline-of-the-trump-administrations-coronavirus-actions>>. Acesso em: 17 out. 2022.

ANZALDUA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumbo a uma nova consciência. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 704-719, dez. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 abr. 2021.

ASSIS, W. F. T.. **Do colonialismo à colonialidade: Expropriação territorial na periferia do capitalismo.** Salvador: Caderno CRH (UFBA. Impreso), v. 27, p. 613-627, 2014.

AS múltiplas faces do racismo: projetos da UFF levam a história e a cultura da Ásia para a esfera acadêmica. Universidade Federal Fluminense, 2020. Disponível em: <<https://www.uff.br/?q=noticias/22-01-2020/multiplas-faces-do-racismo-projetos-da-uff-levam-historia-e-cultura-da-asia-para>>. Acesso em: 22 ago. 2021.

BBC. Como o governo Trump está limitando também a imigração legal aos EUA. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/09/13/como-o-governo-trump-esta-limitando-tambem-a-imigracao-legal-aos-eua.ghtml>>. Acesso em: 6 nov. 2021.

BBC. 2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de “gripezinha”, o que agora nega. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

BERRINGER, Tatiana. **Relações internacionais e a nova fase do imperialismo: um diálogo entre Robert Cox e Nicos Poulantzas.** In: Lutas Sociais, São Paulo, n. 28, p. 23-32, 1º sem., 2012.

CAVA, Marco della. Asian Americans in San Francisco are dying at alarming rates from COVID-19: Racism is to blame. Disponível em: <<https://www.usatoday.com/in-depth/news/nation/2020/10/18/coronavirus-asian-americans-racism-death-rates-san-francisco/5799617002/>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

CRUZ-VIESCA, Melany de La. Report shows major effect of COVID-19 on Asian American labor force. Disponível em: <<https://newsroom.ucla.edu/releases/report-shows-major-effects-of-covid-19-on-asian-american-labor-force>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

FERREIRA, M. A. S.; ALMEIDA, H. do N. Protestos contra e a favor do impeachment de 2016 no Facebook: uma análise das páginas do MBL e Frente Brasil Popular. **Simbiótica. Revista Eletrônica**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 157-186, 2021. DOI: 10.47456/simbitica.v8i2.36383. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/36383>>. Acesso em: 3 set. 2021.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. **Características Étnico-Raciais da População**: classificações e identidades. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2013. 208 p. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2022.

KUANG, J.; DELAWALA, I.; YANG, A. Community left behind: Asian American businesses affected by COVID-19. Disponível em: <<https://abcnews.go.com/US/community-left-asian-american-businesses-affected-covid-19/story?id=72935477>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

KURTZMAN, Laura. Trump's "Chinese Virus" tweet linked to rise of anti-asian hashtags on Twitter. Disponível em: <<https://www.ucsf.edu/news/2021/03/420081/trumps-chinese-virus-tweet-linked-rise-anti-asian-hashtags-twitter>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

LIJPHART, Arend. Comparative politics and the Comparative Model. *The American Political Science Review*, v. 65, n. 3, p. 682-693.

LIMONGI, Fernando de Magalhães Papaterra. **Impedindo Dilma**. Novos estudos, ed. esp, jun. 2017, p. 5-13, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/002837589>>. Acesso em: 17 ago. 2022.

LOBO, Pedro. Solidariedade antirracista: onde pretos, amarelos e indígenas se encontram. Disponível em: <<https://gq.globo.com/Noticias/noticia/2021/03/solidariedade-antirracista-onde-pretos-amarelos-e-indigenas-se-encontram.html>>. Acesso em: 6 nov. 2021.

LYONS, Kim. Twitter removes tweets by Brazil, Venezuela presidents for violating COVID-19 content rules. Disponível em: <<https://www.theverge.com/2020/3/30/21199845/twitter-tweets-brazil-venezuela-presidents-covid-19-coronavirus-jair-bolsonaro-maduro>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

NGUYEN, Frances. The invisible struggle of the Asian Americans small-business owner. Disponível em: <<https://www.vox.com/21536943/asian-american-restuarant-racism-coronavirus>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

OKAZAKI, Sumie. Asian American experiences of racism during COVID-19. Disponível em: <<https://steinhardt.nyu.edu/ihdsc/on-the-ground/asian-american-experiences-racism-during-covid-19>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

OTT, Brian L.. The age of Twitter: Donald J. Trump and the politics of debasement, *Critical Studies in Media Communication*, p. 59-68, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/311892973_The_age_of_Twitter_Donald_J_Trump_and_the_politics_of_debasement>. Acesso em: 5 nov. 2021.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina**. In: Anuário Mariateguiano. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997.

_____, Aníbal. **Colonialidade do Poder e Classificação Social**. In: Meneses, Maria Paula; Santos, Boaventura de Sousa (Org.). Epistemologias do Sul. Brasil: Cortez Editora, 2009.

REJA, Mishal. Trump's "Chinese Virus" tweet helped lead to rise in racist anti-Asian Twitter content: Study. Disponível em: <<https://abcnews.go.com/Health/trumps-chinese-virus-tweet-helped-lead-rise-racist/story?id=76530148>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

SAKURAI, Célia. Os japoneses. São Paulo: Contexto, 2007. 368p.

SANAR. Linha do tempo do Coronavírus no Brasil. Disponível em: <<https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>>. Acesso em: 21 set. 2022.

SANTANA, Luciana; PEREZ, Olívia Cristina; NASCIMENTO, Emerson Oliveira do. **Pandemia, negacionismo e crise no governo Bolsonaro**. In: SANTANA, Luciana; NASCIMENTO, Emerson Oliveira do (Org.). Governos e o enfrentamento da pandemia de COVID-19. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2021. p. 10-23.

STAVENHAGEN, Rodolfo. **Sete teses equivocadas sobre América Latina**. Sociedade e Cultura, 2014, v. 17, p. 159-169. Disponível em : <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70340850015>>. Acesso em: 9 jun. 2019.

TAKEUCHI, M. Y.. **O Perigo Amarelo: Imagens do Mito, Realidade do Preconceito (1920-1945)**. 1. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2008. v. 1. 288p.

THE Conversation. Donald Trump's "Chinese vírus": the politics of naming. Disponível em: <<https://theconversation.com/donald-trumps-chinese-virus-the-politics-of-naming-136796>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

THE New York Times. TRADUÇÃO CLARA ALLAIN. Chacina intensifica medo de ódio crescente contra asiáticos nos EUA. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/03/chacina-intensifica-medo-de-odio-crescente-contra-asiaticos-nos-eua.shtml>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

TRUMP Twitter Archive. Disponível em: <<https://www.thetrumparchive.com/>>. Acesso em: 6 nov. 2021.

UOL. Decreto de Trump dificulta a emissão de visto para turistas brasileiros; veja o que mudou. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/01/31/decreto-de-trump-dificulta-a-emissao-de-visto-para-turistas-brasileiros-veja-o-que-mudou.htm>>. Acesso em: 6 nov. 2021.